

Mulheres

Que inspiram

*Um olhar feminino  
nas ciências*

Vol. 1



José Edmilson Rodrigues  
Laryssa Almeida

 eduepb

**José Edmilson Rodrigues**  
**Laryssa Almeida**

*Mulheres que inspiram*

um olhar feminino nas Ciências

Vol. 1



Campina Grande-PB | 2023



**Universidade Estadual da Paraíba**  
Prof<sup>a</sup>. Célia Regina Diniz | *Reitora*  
Prof<sup>a</sup>. Ivonildes da Silva Fonseca | *Vice-Reitora*



**Editora da Universidade Estadual da Paraíba**  
Cidoval Morais de Sousa | *Diretor*

### **Conselho Editorial**

Alessandra Ximenes da Silva (UEPB)  
Alberto Soares de Melo (UEPB)  
Antonio Roberto Faustino da Costa (UEPB)  
José Etham de Lucena Barbosa (UEPB)  
José Luciano Albino Barbosa (UEPB)  
Melânia Nóbrega Pereira de Farias (UEPB)  
Patrícia Cristina de Aragão (UEPB)



Editora indexada no SciELO desde 2012



Editora filiada a ABEU

**EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500  
Fone: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: [eduepb@uepb.edu.br](mailto:eduepb@uepb.edu.br)

**Expediente EDUEPB*****Design Gráfico e Editoração***

Erick Ferreira Cabral  
Jefferson Ricardo Lima A. Nunes  
Leonardo Ramos Araujo

***Revisão Linguística e Normalização***

Antonio de Brito Freire  
Elizete Amaral de Medeiros

***Assessoria Técnica***

Carlos Alberto de Araujo Nacre  
Thaise Cabral Arruda  
Walter Vasconcelos

***Divulgação***

Danielle Correia Gomes

***Comunicação***

Efigênio Moura

Depósito legal na Câmara Brasileira do Livro -  
CDL

R696m Rodrigues, José Edmilson.

Mulheres que inspiram : um olhar feminino nas ciências /  
José Edmilson Rodrigues, Laryssa Almeida. – Campina  
Grande: EDUEPB, 2023.

184p. : il. ; v.1 ; 1.1000 KB.

ISBN: 978-85-7879-913-7 (Impresso)

ISBN: 978-85-7879-908-3 (E-book)

1. Mulheres na Ciência. 2. Pragmatismo Feminino. 3.  
Feminismo. I. Título.

21. ed. CDD 305.42

Ficha catalográfica elaborada por Taciany Kariny dos Santos Almeida – CRB-15/789

Copyright © EDUEPB

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da  
Lei nº 9.610/98.

# Sumário

<i>Adriana Suely de Oliveira Melo</i> .....	13
<i>Alcione Ferreira da Silva</i> .....	17
<i>Célia Regina Diniz</i> .....	23
<i>Clarissa Fernanda Correia Lima Loureiro</i> .....	29
<i>Cristiane Maria Nepomuceno</i> .....	35
<i>Eliete de Queiroz Gurjão Silva</i> .....	45
<i>Elizabeth Figueiredo Agra Marinheiro</i> .....	49
<i>Eujessika Katiely Rodrigues Silva</i> .....	53
<i>Francilene Procópio Garcia</i> .....	57
<i>Giovanna de Aquino Fonseca Araújo</i> .....	61
<i>Hermelinda Cordeiro Pedrosa</i> .....	65
<i>Ivonildes da Silva Fonseca</i> .....	69
<i>Jaqueline Barbosa do Nascimento Poole</i> .....	75
<i>Joana D'Arc Araújo Ferreira</i> .....	79
<i>Juliana de Melo Cartaxo</i> .....	85
<i>Karolina Celi Tavares Bezerra</i> .....	89
<i>Katia Elisabete Galdino</i> .....	95
<i>Lizanka Paola Figueiredo Marinheiro</i> .....	99
<i>Luíra Freire Monteiro</i> .....	103
<i>Margareth Maria de Melo</i> .....	109

<i>Maria das Graças Vieira de Souza e Cavalcanti de Castro</i> .....	113
<i>Maria de Fátima Agra</i> .....	117
<i>Maria Sheila Guimarães Rocha</i> .....	121
<i>Melânia Maria Ramos de Amorim</i> .....	125
<i>Mônica Tejo Cavalcanti</i> .....	129
<i>Nadja Maria da Silva Oliveira</i> .....	133
<i>Patrícia Cristina de Aragão</i> .....	137
<i>Patrícia Silvia Rosas de Araújo</i> .....	145
<i>Rosilene Dias Montenegro</i> .....	153
<i>Shayenne Diniz da Nobrega</i> .....	161
<i>Vanessa Batista Schramm</i> .....	165
<i>Vânia Caldas de Souza</i> .....	169
<i>Viviam Cardoso de Moraes</i> .....	173
<i>Sobre os autores</i> .....	175
<i>Referências</i> .....	181

# MULHERES QUE INSPIRAM: UM OLHAR FEMININO NAS CIÊNCIAS

José Edmilson Rodrigues  
Laryssa Almeida

A história escrita e documentada de Campina Grande é marcada por grandes visionários que a colocaram na dianteira da inovação, que a fizeram conhecida nacional e internacionalmente pela formação de mão de obra qualificada e pelas descobertas científicas. Esse primeiro volume surgiu para documentar algumas das ilustres varoas, leais forasteiras e aguerridas heroínas das ciências que invisibilizadas nunca tiveram o mesmo destaque nem reconhecimento que seus pares.

O olhar feminino nas ciências tem como empoderamento da mulher em diversificadas áreas, personagem que ficou um bom tempo sem lugar na história e na qual não tinha sua importância reconhecida. Diante de sua luta, a mulher tem galgado posições de destaques nas ciências, política e em outras áreas, mesmo assim, ainda, bem menor em relação às masculinas.

Em caminhos do presente, mirando o futuro, vamos voltar longinquamente, para o passado, enfatizando a primeira mulher matemática nas ciências que a história pode contar. Como referência a Hipátia de Alexandria, nascida em 370 da Era Cristã, no Egito, desenvolvendo pesquisas nas áreas de astronomia, física e matemática. Ela foi severamente assassinada no ano de 416, quando seus estudos foram revelados por um grupo de cristãos. Por suas pesquisas, consideradas heresias pelas ordens sociais da época, foi condenada à morte. Porém, estamos lembrados do seu nome que ecoa através da história.

Mulheres nas Ciências, mulheres que inspiram e engrandecem o mundo e, em Campina Grande, merecem um projeto, talvez didático e cujo objetivo seja abordar em forma de verbetes a história de 34 mulheres que fizeram e fazem Campina ser Grande com suas descobertas que salvam vidas, transformam a sociedade, criam novos paradigmas de tratamentos médicos e conquistam títulos e que nem sempre têm trajetórias escritas nos livros e manuais históricos da cidade, nem mesmo do estado da Paraíba. Aliás, a mulher ainda é um tanto quanto invisibilizada no que se refere à construção da cidade, da história de Campina Grande, estando à margem desse processo historiográfico. Status Quo, que apesar de muitos avanços, nos últimos anos, não faz jus à realidade.

Muitas foram as mulheres que tiveram notório protagonismo em nosso processo histórico e o projeto é uma maneira de valorizar as diversas trajetórias femininas em todas as esferas de nossa sociedade. Para tanto, utilizaremos principalmente os depoimentos orais por meio de entrevistas em diversos prismas, quer sejam com a própria personagem, familiares, amigos ou por pessoas que as conhecem ou conheceram. A bibliografia tradicional será consultada, embora, como já afirmamos no que se refere ao protagonismo feminino, é por demais lacunar.

Fazemos, então, um convite a você para conhecer um pouco da história de nossa urbe, através das mulheres campinenses (ou radicadas) que conduziram e conduzem a existência da cidade, por meio de perfis biográficos, obra digital e impressa, como também, levando a público, através de uma exposição itinerante. Dando ênfase às nossas profissionais, guerreiras empoderadas que ocupam espaços nas ciências e de abalizadas lideranças. São mulheres que inspiram, que norteiam caminhos de vidas e de futuro.

# MUHERES NAS CIÊNCIAS PARA O BEM DE TODOS NÓS

Maria Valéria Rezende  
***Escritora***

Se pedirmos a uma pessoa não ligada à área das ciências que cite mulheres cientistas de importância na história, seja em nosso país ou no mundo em geral, se tiver bastante informação citará talvez Hipátia de Alexandria ou Marie Curie e, no Brasil, pode lembrar-se da Doutora Nise da Silveira. Dificilmente outros nomes acorrerão a sua memória.

Certamente, ao longo da história, houve menos mulheres com a liberdade e as possibilidades de dedicar-se à Ciência. Este é um primeiro dado, fácil de comprovar, parte da herança patriarcal que determina como papel da mulher a reprodução e o cuidado da família, “no recesso do lar”, enquanto aos homens caberiam o governo, as ciências e as artes. Para justificar essa injusta divisão do trabalho e a restrição ao desenvolvimento das mulheres, criou-se o mito da sua menor capacidade intelectual. Quando o moderno método científico se firma no Ocidente, por volta do século XVI, e a Medicina, por exemplo, torna-se uma profissão digna e promissora para os homens, as mulheres que até então curavam os males, tanto do corpo quanto da alma, passam a ser condenadas e queimadas como “bruxas” nas fogueiras da Inquisição para abrir o campo para os homens. Não, a caça às bruxas não é coisa da Idade Média e sim da Idade Moderna, fruto do estabelecimento do Método Científico aliado ao patriarcalismo. Ainda assim, pesquisando melhor, descobrimos que elas, sim, contribuíram muito para a Ciência, embora quase sempre seu

trabalho tenha permanecido na penumbra e seus resultados tenham sido apresentados sob assinaturas masculinas, já que aos homens se dava maior credibilidade, indispensável para que um trabalho científico fosse considerado e divulgado.

Certamente, hoje as coisas começam a mudar e está provado que para muitas tarefas científicas as mulheres se mostram talvez mais dotadas do que os homens. A Ciência não exclui, pelo contrário, exige algumas qualidades que são muito mais desenvolvidas entre as mulheres, como a capacidade de observação dos menores detalhes, a paciência para esperar que processos experimentais se realizem e tragam resultados e a intuição da qual depende o ponto de partida de qualquer Ciência, ou seja, a hipótese. Já é a hora de dar lugar à imensa reserva de talentos das mulheres, até agora ainda subestimados e subutilizados, para o bem de cada um de nós. Não é de hoje que na área da saúde, por exemplo, o número de mulheres parece já ser maior do que o número de homens. Na nossa Paraíba, podemos nos orgulhar de importantes feitos científicos e uma contribuição importantíssima das mulheres para o avanço da Ciência e uma vida melhor para todos. Daqui para diante só podemos esperar crescimento e florescimento dessas vocações científicas!

**Maio/2022**

*Mulheres que  
inspiram*



**M**édica, especialista em medicina fetal e pesquisadora, Doutora em saúde materno-infantil. Foi uma das primeiras pesquisadoras a associar, em 2015, o Zika vírus como causador da epidemia de microcefalia, por conta do crescente número de fetos com má formação cerebral. Descoberta divulgada em artigo científico, publicado na revista Lancet/2016.



*Adriana Suely  
de Oliveira Melo*



Natural do Crato-CE, nasceu em 05 de novembro de 1970, filha de Cecília Maria de Oliveira (costureira) e de José Alves de Melo (taxista), casada com Romero Moreira de Araújo. Boa parte de sua infância e adolescência foi na Paraíba, inicialmente, em Pocinhos, quando chegou com um ano. Veio para Campina Grande ainda jovem, estudou no Colégio das Damas e no Dimensão. Aos dezessete anos, prestou vestibular para Medicina e Odontologia, optando pela primeira opção para cursar pela Universidade Federal da Paraíba-UFPB, Campus II em Campina Grande (hoje UFCG), concluindo em 1994.

Médica obstetra e cientista, especialista em saúde materno-infantil, medicina fetal e saúde coletiva, estudiosa nos campos da Zika vírus e da Microcefalia, uma das primeiras com reconhecimento profissional de saúde em identificar o vírus da Zika em fetos com má formação cerebral, a microcefalia, no ano de 2015. Em seus atendimentos às gestantes, observou que a contaminação pelo Zika vírus, nos primeiros três meses de gestação, estava gerando bebês com microcefalia, descoberta feita através de testes com líquido amniótico.

A descoberta foi publicada na Revista The Lancet em janeiro de 2016, culminando com uma extensa pesquisa da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), possuindo residência médica em Ginecologia e Obstetrícia pelo Hospital Agamenon Magalhães (Recife-PE – 1996), é Mestra em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB - 2006), Doutora em Tocoginecologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp - 2012), também Doutora em Saúde Materno Infantil pelo Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira - IMIP (Recife-PE - 2012), onde também fez seu Pós-Doutorado em Saúde da Mulher em 2014. Especialista em Ginecologia e Obstetrícia - (TEGO), em Ultrassonografia em Ginecologia e Obstetrícia e em Medicina Fetal. É Professora de Ginecologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, pesquisadora da UNIFACISA, Médica do Instituto Paraibano de

Diagnóstico - EMBRION Diagnóstico por Imagem, ultrassonografista concursada, lotada na enfermaria de alto-risco do Instituto de Saúde Elpídio de Almeida - ISEA em Campina Grande-PB, além de pesquisadora e presidente do Instituto Paraibano de Pesquisa Professor Joaquim Amorim Neto – IPESQ, organização sem fins lucrativos, de cunho filantrópico. Com existência de mais de uma década, o Instituto oferece serviço especializado para crianças com má formação cerebral, como também dá assistência às mães e aos pais. Em recente entrevista para o Sincodiv-SP, a Médica e Cientista Adriana Melo detalha a dificuldade que é pesquisar no Brasil, sobretudo no interior do Nordeste, destacando que pesquisa nas horas de folga, afirmou: “Já tentei desistir várias vezes, o problema é que – e eu acho que é disso que o governo se aproveita – quem gosta de fazer pesquisa, faz por amor. A gente acaba querendo fazer mesmo sem ter condições”.

**A**nalizando sua produção dentro das ciências humanas, a professora Alcione afirma que “é uma continuidade que antecede o serviço social, que é o debate étnico racial, que vem desde a graduação em história”. Ela diz que basicamente esse é o tema que permanece na sua produção atual na UEPB e foi também tema de um dos trabalhos de conclusão do curso de graduação (como artigo), nas duas especializações e também no mestrado, como foco mais direto no Mestrado em Mulheres Quilombolas na Paraíba.

*Alcione Ferreira  
da Silva*





Nasceu na cidade de Aroeiras (PB), no dia 15 de novembro de 1986. Alcione Ferreira da Silva chegou à Rainha da Borborema com apenas oito meses de vida. Ela é filha de Manoel Ferreira Gonçalves e da dona de casa Hozana Ferreira Gonçalves, também naturais de Aroeiras, que tiveram a agricultura como primeiro espaço de trabalho. Quando seu pai casou com sua mãe era viúvo e já tinha três filhos. Da nova união, tem um irmão mais novo, Marccone.

As primeiras letras da hoje professora foram numa escola de fundo de quintal no bairro de Santa Rosa. Era a escola da professora Maria, uma mulher negra que montou uma escola no quintal de casa. Lá ela estudou até a quarta série, depois passou por escolas públicas locais, a exemplo do Colégio Estadual de Santa Rosa, das Malvinas, do Novo Cruzeiro e do Presidente Médici. O Ensino Médio foi concluído no Colégio Raul Córdula.

No ano de 2005, Alcione Ferreira da Silva ingressou no Curso de História na Universidade Estadual da Paraíba. Em seguida, fez Graduação em Serviço social, duas Especializações e Mestrado na mesma área, concluindo em 2017. Em 2018, entrou na UEPB como professora substituta e até hoje ensina naquela universidade.

## **Produção de Continuidade**

Analisando sua produção dentro das ciências humanas, a professora Alcione afirma que “é uma continuidade que antecede o serviço social, que é o debate étnico racial, que vem desde a graduação em história”. Ela diz que basicamente esse é o tema que permanece na sua produção atual na UEPB e foi também tema de um dos trabalhos de conclusão do curso de graduação (como artigo), nas duas especializações e também no mestrado, como foco mais direto no Mestrado em Mulheres Quilombolas na Paraíba.

A visão de adolescente da hoje professora sobre Campina Grande é a do final da década de 90 para início do ano 2000, sendo

marcada basicamente, segundo ela, “pela racialidade, antes de tudo, preponderantemente. E pelo recorte de classe também. Eu sempre gostei muito de estudar, desde a escola. E cresci com vontade de ingressar na universidade. Era uma meta que eu tinha. Mas cresci ouvindo que universidade não era lugar para pobre. Ouvia isso dos meus pais, que inclusive não estavam errados, porque pela vivência deles os dois nunca puderam estudar nem o ensino básico. Minha mãe não é letrada e meu pai tinha apenas o fundamental. Então esse tempo foi muito marcado pelo lugar do estudo. Basicamente por esse desejo”, comentou.

Por outro lado, sua visão atual de Campina Grande, do ponto de vista acadêmico que ocupa, é que as pessoas vivem num lugar de muita contradição, já que a cidade é reconhecida nacionalmente por ser um lugar com a presença de um grande número de pessoas com Doutorado, mas ao mesmo tempo a gente tem um perfil muito conservador e provinciano. “Pelo menos isso é como eu analiso. E isso eu rebato diretamente no estudo, na área que eu mais foco, que é a questão racial, que tem um viés necessariamente progressista, anticlassista, antirracista e antimachista”.

Para a professora, só é possível vislumbrar a construção de um mundo sem racismo pensando um outro modelo de sociedade. Um modelo que se desgarre do modelo atual, considerado capitalista. Ela acha que Campina é um lugar de muito proselitismo religioso, de um racismo muito visível, muito evidente e muito incrustado nas teias da política.

Exemplificando sua afirmação, a professora diz que a cidade tem, “por exemplo, construções que reverenciam uma religiosidade, que é a cristã, mas não tem nenhum reconhecimento para as religiões afro, por exemplo. A gente tem uma história que é construída como a história do Brasil, com braço escravo, com revolta de escravo, mas a gente não tem essa memória ativa. Na verdade, a gente tem,

mas a gente tem por quem pesquisa e quem pesquisa parece que vai ficando à margem do poder central aqui na cidade”.

## **Cidade da Contradição**

Quanto ao fato de Campina Grande ser considerada um polo de tecnologia, isso ainda é motivo de uma visão sobre uma cidade de contradição, na opinião da professora Alcione. Ela reconhece que há uma ocupação de um lugar de destaque nacional, especialmente pela UFCG, que é pioneira na produção tecnológica de ponta, mas ao mesmo tempo existe uma cidade profundamente desigual “no sentido de que a gente é uma cidade universitária que produz muito, que tem muita inteligência ativa do ponto de vista acadêmico, mas ao mesmo tempo a realidade é que o entorno dessa universidade é um lugar considerado periférico. A universidade é circulada por alguns dos bairros mais empobrecidos da cidade. Eu acho esse cenário revelador e contraditório, pois ao mesmo tempo que a universidade é um polo de estudo e conhecimento, o local é cercado pela pobreza”.

Comentando sobre o que ensina e sobre o que representa seu curso, diz que tem muita paixão pelo Serviço Social, porque é um curso que se coloca, enquanto projeto educacional, projeto político e projeto de ética profissional, diretamente no lugar de enfrentamento a todas as desigualdades sociais, em todas as suas expressões. A professora considera que é um curso muito importante, mas infelizmente menos valorizado. “Nós lidamos diretamente com o que chamamos de expressões das questões sociais, que é todo processo de desigualdade que se produz e se reproduz a partir da sociabilidade capitalista. É uma profissão que ela pode e atua em muitas instituições, desde a educação, a empresa, até na área da saúde, entre outros, com esse olhar de entender o problema como um fenômeno também social”.

## **Campina Grande Hoje**

Alcione Ferreira diz que mora em Campina Grande desde sempre. Foi em Campina que cresceu e se entendeu por gente. Ela nunca morou em outro lugar e hoje sua visão é de que a cidade tem muita potencialidade, mas ao mesmo tempo poucas ações que possam fazer essa potencialidade se traduzir em mudanças efetivas. Alcione cita que a cidade tem histórico de mania de grandeza, como afirmar que é a capital do trabalho, por exemplo, só que hoje tal afirmação está mais ligada à memória do passado do que a situação atual.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, ela afirma que, no campo da cultura, a cidade ocupou lugar importante na cena cultural, sendo uma expressão cultural para o Brasil. Cita espaço em relação ao trabalho, que se destacou no Nordeste também até meados do século passado, mas lembra que “a gente vem perdendo esse lugar, mantendo uma memória, resguardando esse lugar de grandeza. Só que eu não consigo mais ver tanta materialidade”.

Entretanto para Alcione, Campina Grande representa sua casa mesmo com todas essas contradições. “E o lugar que para onde eu for sempre vou querer voltar”, afirma. A professora se define como mulher negra, pobre e de origem pobre. Ela garante que o lugar de gênero, classe e raça perpassa pela definição que sempre vai estar presente, quando falar sobre si própria, embora que fale sobre outras esferas. “Eu acho que tudo que me construiu, não só objetivamente, mas subjetivamente também, é marcado por estes pontos o tempo todo”, concluiu.

Tem graduação em Engenharia Química pela Universidade Federal da Paraíba, Mestra em Engenharia Civil (Eng. Sanitária e Ambiental) Universidade Federal da Paraíba, Doutora em Recursos Naturais pela Universidade Federal de Campina Grande, com atuação principalmente nas áreas de Engenharia Sanitária, Resíduos Sólidos, Resíduos dos Serviços de Saúde e Qualidade de Água. Atualmente, é Professora e Reitora da Universidade Estadual da Paraíba.

*Célia Regina  
Diniz*





Filha de Sebastiana Mendes da Silva e José Alfredo Diniz, divorciada e mãe de dois filhos, Vanessa Diniz de Matos e Ítalo Vladimir Diniz Vilarim. Residente e domiciliada em Campina Grande-PB.

Natural do Rio de Janeiro-RJ, veio morar em Campina Grande com a família em 1969, quando seus pais, em busca de uma melhor qualidade de vida para uma família de quatro filhos, resolveram retornar à cidade natal de sua mãe e radicada desde então.

Conseguiu seu primeiro emprego aos 19 anos, no Colégio de Ensino Fundamental Petrônio Figueiredo, onde foi professora de Matemática de 1ª a 4ª séries. Em 1983, foi convidada para ser professora *pro tempore* em um Colégio Estadual de Ensino Fundamental e Médio da cidade de Gurjão-PB. Nessa instituição de ensino, ministrou Matemática e Ciências Naturais para alunos do Ensino Fundamental e foi professora de Química e Física no Ensino Médio na Escola de Ensino Fundamental e Médio Juarez Maracajá na mesma cidade, até o ano de 1985. Foi um período muito difícil, pois durante três anos, teve que estudar e trabalhar numa outra cidade, distante 91 km do município de Campina Grande. No período de 1986 a 1990, teve diversos empregos, às vezes trabalhou até sem remuneração. Foi professora *pro tempore* de várias instituições de ensino em Campina Grande, sem carteira assinada e sem contrato de trabalho. Mesmo com muitos obstáculos próprios para atuação como professora de início de carreira, encontrou na atividade uma nova motivação e horizonte, e começou a se interessar mais e mais pela profissão de educadora.

Sua formação educacional básica foi obtida em escolas públicas. Seus pais não mediram esforços para que ela e seus irmãos pudessem se dedicar exclusivamente aos estudos até o final do Ensino Médio.

Aos cinco anos, iniciou a educação infantil no Educandário São Sebastião, depois realizou seu Ensino Fundamental I (antigo

primário) no Colégio Marineves. Ambas as escolas se situavam no bairro da Liberdade, na cidade de Campina Grande.

Em 1974, ingressou no Ensino Fundamental II (antigo ginásio), no Colégio Estadual da Liberdade. Em 1978, foi aprovada para cursar o Ensino Médio (2º grau) no Colégio Estadual da Prata. Em 1981, prestou vestibular e foi aprovada para cursar a graduação em Engenharia Química na Universidade Federal da Paraíba (atual UFCG).

Fez todo o curso de graduação trabalhando na cidade de Gurjão, onde ministrava aulas, por isso, atrasou em dois semestres a conclusão do seu curso de graduação, que só ocorreu no primeiro semestre de 1987. Durante o curso de Engenharia Química, apaixonou-se pela disciplina de Análise de Água, o que a levou a realizar o estágio supervisionado na Companhia de Água e Esgotos da Paraíba – CAGEPA entre 1985 e 1986. Nessa época, já começou a estudar a qualidade da água do açude Epitácio Pessoa (Boqueirão).

Desde então, não deixou mais de se interessar pela temática e, em 1991, prestou a seleção de Mestrado na Universidade Federal da Paraíba, no curso de Engenharia Civil, área de Engenharia Sanitária e Ambiental (Saneamento), porque ele lhe daria a possibilidade de estudar, de forma mais profunda, a temática qualidade de água. Entrou numa época onde houve uma grande epidemia de Cólera em Campina Grande e todas as análises de identificação do vibrião colérico eram realizadas no Laboratório de Saneamento da UFCG, pela professora Dra. Beatriz Ceballos, onde ela cursava o Mestrado, e isso foi muito importante na sua qualificação. Realizou sua pesquisa de Mestrado em 21 corpos aquáticos lênticos e temporários (açudes, barreiros, tanques de pedra, cacimbas e cacimbões) no Estado da Paraíba, entre esses corpos de água, encontrava-se o Açude de Boqueirão, onde realizou análises físicas, químicas e microbiológicas da água. Em 1994, concluiu o Mestrado, defendendo a dissertação intitulada: “Aspectos Sanitários de Corpos Lênticos Temporários Utilizados para Consumo Humano”.

Quando da conclusão do Mestrado, soube notícias que a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) estava selecionando professores com títulos de Mestres e de Doutores para compor um quadro de professores denominados “Professores Visitantes”, que iriam somar aos Professores Efetivos da instituição, com referidos títulos, para possibilitar seu reconhecimento junto ao Ministério da Educação (MEC). Esse reconhecimento se deu conforme Decreto publicado no Diário Oficial da União, em 07 de novembro de 1996, passando, assim, a ter o status de Universidade.

Chegando à UEPB em 1994, tornou-se a primeira professora visitante do Departamento de Enfermagem. Assim, cumprindo as exigências institucionais, no que se refere também a desenvolvimento de projeto pesquisa proposto, obteve pleno apoio do Departamento em todas as atividades desenvolvidas, e pôde realizar outras pesquisas voltadas para a área da saúde ambiental. Passou oito anos como professora visitante e teve a oportunidade de ministrar diversos componentes curriculares: Higiene Social, Saúde Preventiva e Social, Epidemiologia, Projeto de Pesquisa e Saúde Ambiental. Alguns desses componentes eram ministrados nos cursos de Ciências Biológicas, Farmácia e Fisioterapia.

Em 2001, inscreveu-se e foi aprovada no concurso público docente da UEPB para uma única vaga do componente curricular Saúde Ambiental do Departamento de Enfermagem, em regime de trabalho de 40 horas. Continuou como professora visitante até 2002, quando em junho do mesmo ano, foi nomeada como professora efetiva do Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual da Paraíba, uma das suas maiores realizações. Imediatamente seu projeto de Dedicção Exclusiva foi aprovado em Assembleia Departamental e desde então se dedicou integralmente às atividades acadêmicas da UEPB, tendo em vista que a docência foi tudo que mais gostou de realizar.

Em 2001, também foi aprovada em 1º lugar no Doutorado de Recursos Naturais da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e mais uma vez escolheu a área de Saneamento para realizar sua pesquisa, tendo novamente a professora Doutora Beatriz Ceballos como orientadora. Continuou trabalhando com a temática Qualidade de Água e concentrou os seus estudos nos açudes de Bodocongó e de Boqueirão. Em fevereiro de 2005, defendeu a tese de Doutorado intitulada “Ritmos Nictemerais e Distribuição Espaço-Temporal de Variáveis Limnológicas e Sanitárias de Dois Açudes do Trópico Semiárido (PB)”.

Realizou praticamente todo o Doutorado ministrando aulas no Departamento de Enfermagem e, quando estava concluindo, final de 2004, foi convidada para compor a equipe de gestão administrativa da professora Marlene Alves, eleita Reitora por dois mandatos de quatro anos (2004-2008 e 2008-2012). Na gestão, iniciou suas atividades administrativas como Pró-Reitora Adjunta de Planejamento, atuando por seis meses, foi Chefe de Gabinete por um ano e meio e, posteriormente, em 2007, foi nomeada Pró-Reitora de Administração até 2012, final da sua gestão.

Em dezembro de 2012, o professor Antonio Guedes Rangel Junior foi eleito como novo Reitor para o mandato até 2016. Continuou como Pró-Reitora de Administração, e permaneceu neste cargo até fevereiro de 2015, quando foi nomeada para novamente exercer o cargo de Chefe de Gabinete do atual reitor. Em 2016, na sua reeleição, assumiu o cargo de Pró-Reitora de Gestão de Pessoas até 10 de dezembro de 2020.

Em 21 de outubro de 2020, foi escolhida democraticamente por todas as categorias, estudantes, docentes e técnicos para ser Reitora da Universidade Estadual da Paraíba, ao lado da Vice-Reitora, professora Ivonildes da Silva Fonseca, tendo sua posse ocorrida em 11 de dezembro de 2020, para cumprir o mandato 2020-2024.

Clarissa é Mestra em engenharia elétrica pela Unicamp, na área de engenharia biomédica, pesquisa na área de radiações ionizantes e diagnóstico de câncer. Clarissa fez parte de seu Doutorado na Universidade George Mason, EUA, na área de neurociências. Tem experiência na área de Engenharia Elétrica, com ênfase em Automação e Controle, atuando principalmente nos seguintes temas: energias renováveis, campos eletromagnéticos, engenharia biomédica, engenharia neural, Smart Cities, análise de Indicadores de Cidades Inteligentes, Análise e Ciência de Dados, Modelo Estatístico de Cidades Inteligentes, Projetos de Políticas Públicas em Prefeituras de Algumas Cidades do Brasil. Desenvolve projetos de incentivo de jovens nas áreas tecnológicas, treina professores e alunos para o desenvolvimento de projetos nas áreas STEM, participa de projetos de Divulgação de Ciência. Para ela, “a tecnologia muda a vida das pessoas há anos, transforma a qualidade de vida, traz novas soluções como vacinas, cura de doenças, novos diagnósticos, equipamentos médicos e as mulheres precisam participar dessas áreas também”.



*Clarissa Fernanda  
Correia Lima  
Loureiro*



Natural da cidade de Campina Grande, nasceu em 06 de abril de 1981. Filha de Ricardo Jorge Aguiar Loureiro (professor) e Fernanda Cecília Correia Lima Loureiro (professora). Estudou no CDI, Domingos Sávio e Imaculada Conceição - Damas. Desde os 15 anos, dava aula de inglês e história como voluntária no Colégio Maria Dulce Barbosa, em Queimadas-PB, colégio filantrópico, fundado pela avó Maria de Lourdes Barbosa Correia Lima e Maria Dulce Barbosa. Aos 16 anos, fez discurso sobre Ciência e Tecnologia, representando os jovens de Campina Grande na Feira de Tecnologia, FETEC, no Teatro Municipal Severino Cabral. Aos 17 anos, fez intercâmbio para os Estados Unidos, na Califórnia, por 1 ano, em que estudou o equivalente ao terceiro ano do ensino médio nos EUA. Foi laureada e premiada como melhor desempenho acadêmico nas disciplinas de física e matemática avançada, o prêmio foi assinado pelo presidente dos EUA à época, Bill Clinton. Teve notas máximas em todas as disciplinas cursadas, o que lhe rendeu bolsas de estudo em que pagavam a metade do valor de algumas universidades dos EUA. Ao voltar ao Brasil, fez vestibular para engenharia elétrica na Universidade Federal de Campina Grande. No primeiro semestre, começou iniciação científica com projetos na área de robótica, com braço robótico e depois projetos utilizando medições de umidade com diferentes tipos de sensores. Foi voluntária do projeto Doutores da Alegria, na ala pediátrica do Hospital de Trauma de Campina Grande. Projeto liderado pelo psicólogo Dr. Eugênio Felipe Araújo. A equipe se vestia e se pintava de palhaços com jalecos e fazia muitas brincadeiras com as crianças que estavam doentes no hospital. Fez outro intercâmbio em Lyon, França entre 2005 e 2006, cursando as disciplinas referentes a um Mestrado. Fez estágio na empresa automobilística Valeo, sendo contratada para trabalhar em Paris, na área de otimização de processos e no modelo de carro híbrido, uma nova tecnologia. Clarissa voltou ao Brasil, finalizou algumas disciplinas e fundou o grupo e-Robótica, como uma continuação da disciplina Sistemas Embarcados. O grupo publicou artigos, participou de olimpíadas de

robótica no Brasil, México, Áustria e China. Já preocupada com a inclusão das mulheres no grupo de robótica, inscreveu mulheres no grupo. Ao finalizar a graduação de engenharia elétrica, fez um curso de verão na área de física quântica, na UFPE. Alguns meses depois, fez seleção para Mestrado em algumas universidades do Brasil e foi aprovada na UFCG, UFPE, UFU, UNB, Unicamp.

Clarissa foi então fazer Mestrado na Unicamp em engenharia biomédica, sendo uma área da engenharia elétrica. A área da dissertação é a aplicação dos conhecimentos de engenharia e física em novos diagnósticos e tratamentos no câncer, doença responsável pela ausência de seu pai. A pesquisa investigou a radiação ionizante e suas consequências na indução ao câncer de mama em pacientes com predisposição genética. Em seu Doutorado, ela fez alguns projetos em engenharia biomédica. No primeiro projeto, fez uma analogia de circuitos elétricos com o sistema respiratório humano, visando entender melhor algumas doenças e melhorar os tipos de diagnósticos não invasivos. No segundo projeto, utilizou espectroscopia Raman para identificar e diferenciar tumores benignos e malignos da tireoide. No terceiro projeto, aplicou nanopartículas magnéticas em células neuronais para descobrir novos tratamentos para doenças neurais, Alzheimer, Parkinson e câncer, desenvolveu o seu Doutorado parte na Unicamp, parte na George Mason, Washington DC, EUA. De 2013 até hoje, faz parte dos projetos das mulheres na engenharia, Women In Engineering, WIE, um grupo de afinidade do Instituto de Engenheiros Elétricos e Eletricistas, IEEE, a maior organização profissional sem fins lucrativos do mundo. Em 2014, foi eleita presidente do grupo WIE, da Unicamp em Campinas-SP. Fez parte de um projeto para incentivo e formação de meninas e mulheres nas áreas tecnológicas, na escola pública. Durante todo o ano de 2014, Clarissa fez palestras, organizou eventos, convidou professoras para darem palestras, falarem sobre vida e carreira, pois elas são exemplos para as mais jovens. Foi convidada a viajar para a Colômbia para apresentar os projetos desenvolvidos no Brasil. O grupo em que

ela liderava recebeu o prêmio de melhor grupo do mundo. Em 2015, devido à quantidade de projetos, eventos realizados e ao alcance da quantidade de meninas, Clarissa recebeu um prêmio internacional sendo convidada a participar do Conselho Internacional das Mulheres das Engenharias do IEEE. Assim, como em muitas cidades do Brasil, Clarissa fundou o grupo WIE em Campina Grande-PB, na UFCG. Fez uma palestra de apresentação de projetos, explicou como se poderiam desenvolver os projetos na Serra da Borborema. Conseguiu um edital do Unibanco, ajudou as meninas a escrever, e finalmente o grupo recém-formado ganhou o edital e um patrocínio para iniciar um projeto que mais tarde daria início ao Engenheiras da Borborema. Hoje monitoras, em sua maioria mulheres, dão aulas de eletrônica, robótica, pensamento computacional entre outros, para meninas de escolas públicas na cidade de Campina Grande. O grupo Engenheiras da Borborema desde então vem conseguindo patrocínio, prêmios e reconhecimento nacional pela sua atuação voluntária ao incentivar e ensinar meninas em cursos técnicos nas áreas de ciência e tecnologia. Por estar conectada às questões das mulheres, Clarissa participou das conferências municipais sobre políticas públicas para mulheres na cidade de Campinas, foi eleita titular no Conselho Municipal dos Direitos das Mulheres, CMDM e, em seguida, foi eleita presidente do Conselho. Foi convidada a ser vereadora da cidade de Campinas-SP por três diferentes partidos.

Atuou desenvolvendo planos municipais de políticas públicas para mulheres. Foi selecionada a primeira brasileira a ser presidente do grupo de Mulheres em Engenharia da América Latina, WIE, do IEEE, em 2015 e 2016, desenvolvendo projetos, no Brasil e na América Latina, em escolas públicas para incentivar meninas em áreas STEM. Pelo seu trabalho de excelência, foi selecionada para trabalhar na equipe do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação - MCTI para desenvolver o primeiro modelo de maturidade de cidades inteligentes do Brasil. Traduziu para o português e para a ABNT a norma da ISO 37122, uma das normas mais importantes do mundo na área

de cidades inteligentes. Atualmente, ela é analista de dados, especialista em cidades inteligentes e trabalha nesta área e na de políticas públicas junto ao Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação, em uma área muito restrita aos homens. São poucas as mulheres com formação nas áreas de tecnologia e correlatas, chamadas em inglês, STEM. Sempre desenvolveu projetos sociais com tecnologia e robótica, eletrônica e computação na educação de crianças e adolescentes. Toda a área de energias renováveis, telecomunicações, internet, celulares, internet das coisas, automação e otimização de muitos processos. As maiores empresas do mundo são da área de tecnologia. Hoje, ela continua atuando em diversos projetos na área de educação, empoderamento feminino nos âmbitos sociais e profissionais de crianças, jovens e mulheres.

As atividades de ensino, pesquisa de iniciação científica e orientação se deram nos cursos de Pedagogia, Sociologia, Geografia, História e outros, voltadas para os conteúdos de Cultura, Educação Étnico-Racial, Diversidade e Direitos Humanos. As atividades de pesquisa e extensão voltadas para manifestações e práticas festivas de negro (carnaval, festas religiosas e festas tradições de influência africana) estão ligadas ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro e Indígena – NEABI/UEPB. Esse conjunto de atividades apresentadas tem permitido a professora Cristiane ampliar e consolidar um projeto de trabalho interdisciplinar e busca contribuir para edificação de uma proposta de educação como instrumento de fortalecimento de direitos, de valores capaz de fomentar o respeito à diferença e o combate à desigualdade social. Isto, no espaço de 30 anos de carreira docente na UEPB – Universidade Estadual da Paraíba.

*Cristiane Maria  
Nepomuceno*





A professora Cristiane Maria Nepomuceno nasceu e passou sua infância ouvindo que as mulheres não podiam frequentar a escola porque não podiam saber ler nem escrever para não incidirem em erros. Uma dessas pessoas era seu avô, que justificava a afirmação dizendo que o “cuidado” era para que as mulheres não mandassem carta para ninguém. Nascida em 17 de junho de 1967, com mestrado em Economia e doutorado em Ciências Sociais – Área de Concentração, Cultura e Representações, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2005), trabalha com pesquisas ligadas às questões étnicas, práticas culturais populares (práticas festivas de negros) e grupos remanescentes quilombolas.

Natural de Arcoverde (PE), é filha de Altino Florêncio e Antonia Izaura, ambos naturais do interior de Pernambuco. Cristiane Maria é de uma família de quatro irmãos (Alberto, Altino e Alba Rejane) e mãe de Gabriel Trovão e Pedro Trovão. Seu pai era comerciante de tecidos e depois mudou para o ramo de alimentos, e sua mãe sempre foi dona de casa. Mesmo semianalfabeta, sua mãe sempre teve compromisso e dedicação com a educação e a formação acadêmica dos filhos. Esta consciência, depois de casada e com filhos, levou-a ao desejo de ser escolarizada, tornando-se aluna do Mobral – Movimento Brasileiro de Alfabetização.

## **Início dos estudos**

Suas primeiras letras foram em sua terra natal, com ênfase para o Colégio Cardeal Arcoverde, uma instituição de ensino de formação católica cristã que orientava seu projeto pedagógico numa perspectiva de educação progressista. Dirigida pelo padre Adilson Simões, os alunos eram inseridos no processo de redemocratização, com ideia de valorização da ciência, letras e literatura muito fortes. “Não era na prática uma escola em tempo integral, mas a vivência era como se fosse, já que assistíamos aula, íamos para casa almoçar

e voltávamos para o colégio”, relembra a professora Cristiane, afirmando ainda que desde cedo sua ideia era a de que a formação e o envolvimento transformam, melhoram e qualificam o ser humano.

Em busca de estudo e conhecimento, Cristiane saiu de Arcoverde e foi para o Recife continuar seus estudos, mas um conjunto de aspectos inviabilizaram a permanência no lugar. Na mesma época, o marido de uma tia foi transferido de Belo Jardim (PE) para Campina Grande. Cristiane ajudou na mudança, conheceu a cidade e gostou, surgindo a ideia de morar na Rainha da Borborema. E assim aconteceu.

Em 1986, ela faz vestibular para Ciências Sociais, com habilitação em Antropologia, para acalentar seu sonho de adolescência: ser arqueóloga – profissão que desejava, mas que só havia curso de formação em pouquíssimas universidades no Brasil, assim o que mais se aproximava do seu sonho de ser arqueóloga era a formação em Ciências Sociais. Hoje trabalha com pesquisas ligadas às questões étnicas, práticas culturais populares e grupos remanescentes quilombolas. Fez mestrado em economia (UFPB) e doutorado em antropologia (UFRN). Em 1993, prestou concurso para trabalhar na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), local onde exerce sua ocupação até os dias atuais.

## **Brasil, sociedade plural**

Com base na sua experiência e desenvolvimento educacional, a professora considera que “a sociedade brasileira é plural, resultado de um processo de formação do qual são coparticipes distintas matrizes étnicas”. Segundo a mesma, ao longo da trajetória de formação da sociedade brasileira, sempre, pelo discurso oficial, deu-se ênfase a matriz europeia, deixando “indígenas, africanos e sua descendência relegada ao esquecimento”.

Uma das referências de Cristiane é sua professora e orientadora da graduação, Prof<sup>a</sup>. Maristela Oliveira de Andrade, que passou um tempo, na França, estudando religião de matriz africana no Brasil, em um tempo onde pouco valor se atribuía a esta temática, muito porque “tratava de uma temática de estudo que não era de interesse, já que todos estavam envolvidos com uma perspectiva social mais crítica”.

Entretanto, a professora Cristiane relata que tais docentes não compreendiam “que as relações sociais no Brasil, que se quer desconstruir em termos de desigualdades, precisam ser compreendidas a partir do processo de formação da sociedade brasileira, como sendo resultantes de três séculos e meio de existência sob a égide da escravidão. Tornamo-nos uma nação na qual o racismo é estrutural à medida que tudo que organiza a sociedade brasileira é orientado pela marca da pertença por cor/raça. Os lugares sociais, as profissões, as ocupações territoriais, os lugares de representatividade política, vão se dar mediados por essa compreensão de que é legitimado ou não ocupar a partir da sua cor/raça”. Razão pela qual, segundo Cristiane, ainda hoje as pessoas costumam questionar quando veem um médico negro, um juiz negro, um engenheiro negro, “Olham para aquele profissional questionando sua capacidade”.

Afirma a professora que para desconstruir a desigualdade social brasileira e esta compreensão racista e preconceituosa é preciso entender o processo de formação da sociedade brasileira. Aprender, por exemplo, que, até meados do século XIX, havia, no Brasil, uma legislação que impedia os negros de frequentarem a escola, “por isso, há todo um saldo negativo no processo de formação das pessoas negras no que diz respeito a campos mais específicos – no caso, a formação em nível superior”.

Desde muito cedo que a professora foi apresentada a essa possibilidade de discutir a sociedade brasileira e abraçou a questão como uma área de pesquisa da vida inteira, ou seja, a de como

a sociedade tem sua marca maior no legado afro-indígena, como é essencialmente resultado da herança dessas duas matrizes culturais, mas ao mesmo tempo vive num embate para negar essa herança, querendo ser mais europeia do que afro-indígena.

## **Segunda Nação com maior População Negra do Mundo**

As pesquisas na área e seus avanços mostram que “as nossas relações sociais são relações inter-raciais”. Hoje o Brasil é a nação com a segunda maior população negra do mundo, com 56% de sua população se definindo dessa maneira. O primeiro lugar é da Nigéria. Esse “retrato” atual da sociedade brasileira é resultado, segundo a professora, de uma legislação que ampara, que reconhece e que repara danos históricos. Desde a promulgação da Lei 10.639, em 2003, estamos fortalecendo e promovendo estratégias de ocupação de espaços até então negados.

Ela entende que para se conseguir construir uma sociedade mais justa, mais igual e para todos é preciso trabalhar com as questões étnicas a partir da adoção de um projeto de educação voltado para a valorização e o respeito às distintas matrizes que formaram a sociedade brasileira. “Não é tirar o lugar de ninguém. É mostrar que indígenas, africanos e seus descendentes também são protagonistas, são autores da nossa história”, comenta Cristiane, que se autodefine como negra.

Acreditando que a Constituição de 1988 é o marco para se tratar tais questões, ela lembra ainda que a citada Carta Magna nacional nasceu justamente durante o aniversário de 100 anos da abolição da escravidão no Brasil, assim não poderia deixar de contemplar as demandas históricas da população negra, principalmente no contexto de redemocratização que a sociedade brasileira vivenciava naquele contexto. Ressaltando que as conquistas presentes na Constituição de 1988 são fruto da luta do movimento negro

constituído que demandou as questões fundamentais para que se revertesse o processo de desigualdade crescente da população negra na sociedade brasileira.

A professora Cristiane destaca que a Constituição de 1988 trouxe uma série de conquistas para a população negra e indígena, dentre elas o reconhecimento do direito à terra e a consequente implementação do território das populações indígenas e quilombolas, e a valorização de suas práticas e saberes como patrimônio cultural, parte da riqueza nacional. Em seu artigo 242, o documento supracitado estabelece uma nova diretriz para contar história do Brasil: passaria a ser contada levando em consideração as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro.

### **Demanda do movimento negro**

Mesmo afirmando que não há viés político partidário em sua fala, Cristiane diz reconhecer que apesar das conquistas presentes na Constituição de 1988, somente em 2003, quando Luiz Inácio Lula da Silva assume a presidência do Brasil, é que as demandas do Movimento Negro de tornar obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira indígena na educação básica foram atendidas.

“A partir daí, fomos construindo um novo projeto de educação: Educação Étnico-Racial ou Educação para a Promoção da Igualdade Racial ou Educação Antirracista. E é na busca de consolidar este projeto que hoje vivemos envolvidas/os: comprometidas/os com a revisão e em recontar a história do Brasil. Cuidando das imagens, dos fatos, situações e acontecimentos nos quais a população afro-indígena participou como protagonista ao longo desses cinco séculos de existência para que sejam colocados em lugar de direito. É este projeto que vem gradualmente mudando a face da sociedade brasileira”, relata.

A justificativa para tal afirmação de mudança a partir desse projeto é a de que, em 2010, pela primeira vez, o censo mostra uma virada de perfil étnico da sociedade brasileira. Além disso, este projeto comprometido com outra versão da história do Brasil nos ajuda a compreender que o governo brasileiro foi copartícipe no processo de escravidão da população negra, à medida que recebia impostos sobre os negros que entravam no país via tráfico e porque, oficialmente, nunca fez nada para resolver o problema. “Ao contrário – diz a professora – participou e lucrou com isso. Então, é obrigação desse governo promover políticas de reparação dos danos que causou. Por isso mesmo, nosso projeto trabalha no processo de formação e na adoção de políticas pública de reparação, a exemplo das políticas de cotas raciais para ingresso na universidade e no serviço público. É preciso mostrar que a população negra vive nesse estado de desigualdade em decorrência desses séculos de existência em situação de esquecimento e invisibilidade”.

Uma indagação importante feita pela professora é no sentido de questionar quem são, onde estão e como vivem os 56% da população que se autodeclara negra (preta e parda) no Brasil. Existem dados mostrando que são a maioria das pessoas em condição de vulnerabilidade social e econômica, são maioria entre as pessoas que abandonam o ensino médio, é a maior parte das vítimas da violência policial, é o maior número das pessoas que recebem baixa remuneração salarial, que lotam os presídios, revelando o descompromisso e a ausência do Estado.

A partir de tais informações, as pesquisas, os estudos e o ensino do conteúdo de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena se voltam para os seguintes eixos: conscientização política, reconhecimento, valorização e reparação. “Precisamos contar outra história da sociedade brasileira. Estamos revisando a história do Brasil porque da forma que nos foi ensinada é lacunar, é falsa, é mentirosa, foi mal contada. Estamos reconstruindo essa história ao longo desses

últimos 20 anos, formalmente. Atrás da história que não era conhecida, à medida que esta ficou ausente dos nossos livros didáticos”, analisa a professora Cristiane Nepomuceno.

### **Campina Grande nos dias atuais**

Na visão da professora, Campina Grande hoje é uma cidade com muitos problemas sociais. É uma cidade muito controversa, “já que congrega um número formidável de universidades públicas, de qualidade, como poucas cidades do Brasil. Tem uma das maiores relações per capita de pessoas com título de doutorado por habitantes do país, mas ao mesmo tempo apresenta números alarmantes no que concerne ao acesso à educação da população negra e periférica, o que vai de encontro a essa condição”.

Detalhando tais números, ela cita a grande quantidade de jovens negros com idade entre 15 e 25 anos que estão fora da escola/universidade, que são vítimas da violência ou que estão em subempregos mal remunerados. “Sem falar na condição de vítimas que determinados espaços da vida social no mundo urbano os colocam, socialmente vulneráveis e facilmente alcançados pela criminalidade. Um jovem sem condição financeira, vivendo numa comunidade desassistida, pode ser facilmente seduzido pelo mundo do crime – por exemplo; aceitar receber 100 ou 200 reais para ficar na entrada do seu bairro, apenas para ver quem entra e quem sai do lugar”, comenta.

Dessa maneira, Campina acaba sendo uma cidade controversa, uma cidade que se destaca internacionalmente por sua capacidade de inovação científica e tecnológica e por seus indicadores sociais preocupantes. Uma cidade detentora de um perfil tão diversificado precisa receber atenção pública diferenciada.

Cristiane Nepomuceno considera que essa atenção tem de ser voltada para todos os sujeitos de forma geral, mas de modo especial

para a população jovem negra e periférica. “O censo demográfico é uma pesquisa sociológica de fundamental importância para (re)definir rumos. Se constatamos oficialmente que 56% da população brasileira é negra, vamos pensar a partir do leque das ausências: qual é o montante de pessoas negras, no Brasil, que são médicas, que são pilotos de avião, são juízes, advogados e o quanto desse montante populacional ocupa nossos presídios? Mas, é primordial que ao pensarmos as ausências possamos refletir sobre quais lacunas e condições de existência os conduziram aquele lugar”.

## **O que representa**

Cristiane costuma dizer que é uma mistura de Pernambuco e Paraíba e adota a afirmação do escritor paraibano Ariano Suassuna, que dizia ser “paranambuco”, metade Pernambuco e metade Paraíba. “Eu tenho um amor imenso a Pernambuco, mas também tenho um amor imenso à Paraíba. Campina me “deu” tudo de mais importante, tenho: meus filhos, minha formação, meu trabalho e me despertou para o desejo de resistência e luta. E esse clima é maravilhoso, assim como também as lutas do cotidiano. Isso me inspira a mudar tudo. Campina Grande é meu lar, é meu lugar”, completa a professora.

A História é o eixo de sua vida profissional, exerceu e ainda exerce grande influência em sua trajetória pessoal. Possibilitou que exercesse a carreira no magistério de forma prazerosa, permitiu dialogar com os alunos, suas concepções e ter a satisfação de observar o sucesso profissional de muitos alunos. Até hoje, mesmo aposentada, a História preenche sua curiosidade intelectual, seus questionamentos, suas dúvidas, além de lhe proporcionar instrumental necessário para o exercício da cidadania e suas pesquisas no campo das Ciências Humanas.



*Eliete de Queiroz  
Gurjão Silva*



Natural de Gurjão-PB, nasceu em 28 de março de 1944, filha de Edviges de Queiroz Gurjão e Joaquim de Farias Gurjão, estudou o primário na Escolas Reunidas Jeanne D'Arc – Departamento de Educação, João Pessoa, em 1951, na Escola Municipal Mista de Maria José, Gurjão, 1952/1953, Grupo Escolar Nossa Senhora do Rosário, Campina Grande, 1954/1955 no ensino médio, Colégio Estadual da Prata, 1956/1959/1960. Graduada em Estudos Sociais pela Universidade Regional do Nordeste (URNE-1971), graduada em História (URNE-1976), cursou especialização em História do Nordeste (URNE-1980), é mestra em Sociologia Rural pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB-1985). Iniciou a carreira docente por escolas públicas de ensino médio. A partir de 1977, passou a atuar no ensino superior, na Universidade Federal da Paraíba, Campus II, UFCG - Universidade Federal de Campina Grande, UEPB - Universidade Estadual da Paraíba, lecionando História do Brasil, História do Nordeste, Paraíba e Metodologia do Ensino de História. No ano de 1980, passou a se dedicar também às atividades de pesquisa: orientou vários projetos de Iniciação Científica e trabalhos de conclusão de curso de História. Coordenou o curso de História da UFPB - Campus II e fundou o centro de documentação deste curso, onde concentrou suas pesquisas nas linhas: preservação de fontes históricas, história local e poder local. Em 2002, passou a lecionar também a disciplina Memória e Patrimônio Cultural e, a partir de 2006, Introdução à História e Elaboração de Projetos. Continuou a desenvolver projetos, especificamente na linha de pesquisa do multiculturalismo, objetivando a preservação do patrimônio cultural local através dos princípios e estratégias da educação patrimonial. Em 2010, coordenou dois projetos de extensão na área de Educação Patrimonial: Educação patrimonial-representações locais e vínculos internacionais e Patrimônio Cultural Internacional-memória do ideal republicano numa perspectiva educacional.

No período 2011 a 2014, coordenou o projeto: Ante que se apague completamente: memória e patrimônio da Revolução de 1817 na

Paraíba, através do convênio UEPB/MJ/SDE/CFDD, que teve grande abrangência, atuando junto expressivo contingente da população de João Pessoa através do trabalho de campo e de palestras em escolas públicas, além de restaurar quatro placas indicativas referentes à repressão aos mártires de 1817 na Paraíba. Desde os anos oitenta, vem publicando resumos em anais de encontros científicos e capítulos de livros, especialmente no campo da História da Paraíba. Organizou e foi coautora dos livros: O bairro de José Pinheiro: ontem e hoje; Imagens multifacetadas da história de Campina Grande; Antes que se apague: memória e identidade da Paraíba e Estudando a História da Paraíba (5ª. ed). Autora também do livro Morte e Vida das Oligarquias (Paraíba 1889-1945) que lançou, em 2020, sua 2ª. edição. Atualmente, encontra-se aposentada do magistério, exercendo atividades de pesquisa e produção bibliográfica. Recém-eleita para a cadeira 13 do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, cujo patrono é Francisco Soares da Silva Retumba Filho, está programando iniciar uma pesquisa sobre este personagem e o contexto histórico de sua atuação.

Atualmente, desenvolve os projetos “Memória de Campina Grande” e “Releituras de Ariano Suassuna”. Publicou recentemente, “Eu com outros”, sua autobiografia. Sempre se dedicou às Ciências Humanas, buscando o Ser em Si da Existência. Adepta dos mestres Eduardo Portela, Deleuze, Heidegger, Octávio Paz, defende, literalmente, o vazio e/ou nonsense do fazer pós-moderno.

*Elizabeth  
Figueiredo Agra  
Marinheiro*





Natural de Campina Grande-PB, nasceu em 22 de setembro de 1937, filha de Agripino Agra e Marié Figueiredo. Estudou o primário e o ginásio no Colégio Alfredo Dantas, fez o Clássico no Colégio Estadual da Prata, e a graduação na Faculdade de Filosofia do Recife, mestrado e doutorado na PUC-RS, e pós-doutorado na Universidade Complutense de Madri e Centro Iberoamericano de Cooperacion (Espanha). Professora, ensaísta e crítica literária. Ocupa, desde 02 de maio de 1980, a cadeira de número 20 (cujo patrono é Joaquim José Henrique da Silva, e o ocupante anterior: Pe. Luiz Gonzaga de Oliveira) da Academia Paraibana de Letras - APL, tendo sido a primeira mulher a ocupar um de seus assentos. Imortalizada por seu fazer, também ocupa cadeira na ALCG – Academia de Letras de Campina Grande. Membro Titular do Pen Clube do Brasil, Rio de Janeiro-RJ, correspondente de várias instituições brasileiras. Preside o Clube Pensamento - Estudo - Nacionalidade – I Seccional PEN da Paraíba, foi por vários anos presidente da Associação Brasileira de Semiótica Seccional da Paraíba.

Fundou, em 1970, a Fundação Artístico Cultural Manuel Bandeira – FACMA, fruto dos corais Falados Manuel Bandeira e Cecília Meireles, os quais percorreram com suas representações literárias o Brasil e a Península Ibérica. Criou e coordenou os Congressos Nacionais de Teoria Crítica Literárias e Seminários Internacionais de Semiótica de 1977 até 2006, adotando Oficinas, Minicursos, Comunicações e Mesas Redondas. Conferencista convidada e Professora Visitante de Instituições do Brasil e da Europa. Destacam-se entre seus livros: A Bagaceira, uma Estética da Sociologia, prêmio José Veríssimo, da Academia Brasileira de Letras; Vozes de uma voz, prêmio Sílvio Romero da Academia Brasileira de Letras; Leituras: Antes e Agora; Descompromisso Crítico e Minimalismo Multicultural; Tessituras do Eu e Fortuna Crítica II; Crítica Sem G.P.S. Estudos e Memórias, e outras obras. Escreve crônicas semanais no portal paraibonline.com.br numa consagrada coluna intitulada: Tessituras, nas quais consorcia ensaísmo literário leve e reflexão sobre o cotidiano e o seu código de

costumes. Foi Professora Visitante do Centro de Estudos Semióticos e Literários da Universidade do Porto, assim como Professora Convidada pelo King's College London University para ministrar seminário sobre a influência do Cordel na Literatura Brasileira e sobre as principais tendências da literatura do Nordeste hoje. E, também, foi Professora Convidada do London Institute of Education, no qual ministrou seminário sobre cultura contemporânea no Nordeste e, por fim, Professora Associada da Universidade de Rennes II Alta Bretanha, Département de Portugais. Suas obras, ensaios e textos esparsos transitam entre Teoria e Crítica Literárias; Literatura Brasileira; Literaturas Marginais. Literaturas Espanhola, Portuguesa e Africana.

Fisioterapeuta, Mestre em Ciência e Tecnologia em Saúde (UEPB) e Doutoranda em Fisioterapia com ênfase no Processo do Envelhecimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Atualmente, é pesquisadora no Núcleo de Tecnologias Estratégicas em Saúde (NUTES/UEPB) onde começou a idealizar a possibilidade da criação de novos paradigmas na prestação de uma assistência mais ampla para a pessoa idosa, recorrendo à tecnologia como forte aliada nesse processo. Neste contexto, fundou a Startup chamada Sênior Saúde Móvel, desenvolvendo um sistema de monitoramento remoto para o idoso, baseado em Internet das Coisas e Inteligência Artificial. Buscando, assim, a inovação e criação de soluções eficientes, com algoritmos inteligentes, capazes de identificar, de forma precoce, possíveis riscos à saúde do idoso.

*Eujessika Katielly  
Rodrigues Silva*





Natural de Campina Grande, na Paraíba, Eujessika Rodrigues nasceu em 23 de maio de 1992, filha de Eugênio José da Silva e de Maria do Socorro Rodrigues Silva. Estudou na Escola Francisco da Motta (SESI), na Escola Municipal Pe. Antonino, finalizando seu ensino médio no Estadual da Prata e Estadual de Bodocongó. Terminou sua graduação em Fisioterapia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), tornando-se Mestre em Ciência e Tecnologia em Saúde também pela UEPB, e finaliza seu Doutorado em Fisioterapia com ênfase no Processo do Envelhecimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Atualmente, exerce a função de pesquisadora no Núcleo de Tecnologias Estratégicas em Saúde (NUTES/UEPB) onde começou a idealizar a possibilidade da criação de novos paradigmas na prestação de uma assistência mais ampla para a pessoa idosa, usando a tecnologia como forte aliada nesse processo. Neste contexto, fundou a Startup chamada Sênior Saúde Móvel, desenvolvendo um sistema de monitoramento remoto para o idoso, baseado em Internet das Coisas e Inteligência Artificial. Buscando, assim, a inovação e criação de soluções eficientes, com algoritmos inteligentes, capazes de identificarem, de forma precoce, possíveis riscos à saúde do idoso.



**D**esenvolve trabalho na área de Ciência da Computação, com ênfase em Processos de Desenvolvimento de Produtos de Software e sistema de apoio à decisão e, na concepção, gestão e avaliação de políticas públicas de CT&I e empreendedorismo inovador.

*Francilene  
Procópio Garcia*





Nasceu em Campina Grande-PB, em 30 de maio de 1967, filha de Francisco Carlos Garcia e Maria Marilene Procópio Garcia. Estudou o ensino fundamental e médio na Escola Virgem de Lourdes e no Sagrado Coração de Jesus em Teresina. Graduiu-se em Ciências da Computação pela UFPB em 1987, fez especialização em Qualidade e Produtividade, Mestrado em Ciências da Computação pela UFPB, em 1994, e Doutorado em Engenharia Elétrica pela UFPB, 1999. Foi pesquisadora visitante na Tsinghua University, China (1996-1999). Presidente da ANPROTEC - Associação Nacional de Entidades Promotoras de Tecnologias Avançadas (2012-2015). Presidente do CONSECTI - Fórum das Secretarias Estaduais para Assuntos de CT&I (2015-2018). Membro do Conselho Nacional de C&T (2015-2018). Conselheira da FINEP (2015-2018). Conselheira do CGI.br - Comitê Gestor da Internet do Brasil (2015-2018). Conselheira do Conselho Deliberativo do SEBRAE Nacional (a partir de 2012). Secretária Executiva de Ciência e Tecnologia do Estado da Paraíba (2011-2018), Diretora Geral da Fundação Parque Tecnológico da Paraíba – PaqTcPB (2007-2016).

Em 2018, foi agraciada com a Ordem Nacional do Mérito Científico como personalidade nacional por sua contribuição para o desenvolvimento da ciência no Brasil. Trabalha na área de Ciência da Computação, com ênfase em Processos de Desenvolvimento de Produtos de Software e sistema de apoio à decisão e, na concepção, gestão e avaliação de políticas públicas de CT&I e empreendedorismo inovador. Professora da Universidade Federal de Campina Grande de 1989 até agora.



Vem desenvolvendo, na pesquisa e extensão, trabalhos em Educação Patrimonial, memória, patrimônio material, imaterial, cultural. Idealizadora do conceito da Feira de Campina Grande como Patrimônio Cultural do Brasil, junto à Prefeitura de Campina Grande, foi a pesquisadora responsável pela coordenação geral do inventário de referências culturais durante todo o processo de registro junto ao Iphan, desde sua fase inicial com o pedido de registro, a pesquisa e elaboração do dossiê.

*Giovanna de  
Aquino Fonseca  
Araújo*





Natural de Campina Grande-PB, nasceu em 1976, filha de Antônio Ribeiro da Fonseca e de Maria Ednilza de Aquino Fonseca, estudou no Regina Coeli ensino fundamental e Colégio Pré-Universitário Campinense-CPUC ensino médio. Possui graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba (1999), segunda licenciatura em Pedagogia pela Universidade Cesumar - UniCESUMAR (2020), especialização em Teoria e Metodologia do Ensino em História pela UEPB (2000), Especialização em Educação para as Relações Étnico-raciais pela UFCG (2015), Mestrado em Ciências da Sociedade pela Universidade Estadual da Paraíba (2005), Doutorado em História pela Universidade do Minho (2011), Doutorado em História pela Universidade Federal da Bahia (2011) e Pós-Doutorado na Universidade Federal de Campina Grande, junto ao Programa de Pós-Graduação em História (2017). Atuou como professora (2006.1 - 2016.2) na Unifavip Devry- Caruaru; desde 2003, é estatutária da Prefeitura Municipal de Campina Grande, professora e, a partir de 2007, é também professora da Prefeitura Municipal de Pocinhos. Além da História Contemporânea, tem experiência na área de Patrimônio Material e Imaterial, Cultura Popular, Cultura Brasileira, Diversidade Cultural, História Oral, Análise do Discurso, Identidades Plurais e Ensino de História.

É integrante do grupo de pesquisa: História da Cultura do Mundo Luso-brasileiro, pela Universidade Federal da Bahia – UFBA, e do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX - CEIS 20, Universidade de Coimbra, Portugal. Atuação em sala de aula do ensino fundamental anos finais do Município de Pocinhos. Atualmente, coordena o setor de Educação Patrimonial nas Escolas na Secretaria de Educação da Prefeitura de Campina Grande. Em sala de aula, ministra aulas no ensino fundamental e superior dos componentes curriculares, História Geral, do Brasil, Ciências Sociais - Sociologia, Filosofia, História da Arte, Ética Profissional, Cultura Popular. Atualmente, faz parte do comitê para ações de salvaguarda da Feira Central de Campina Grande junto ao IPHAN, representando

a SEDUC. Escritora de obras ligadas à Educação e à memória, recorre à História Oral como metodologia primária em suas escritas.

Docente do Curso de Medicina da SES-DF; Coordenadora do Programa de Educação em Diabetes em Brasília até 2012; e pesquisa clínica, e, atualmente, é Investigadora Principal da Fiocruz Bio-Manguinhos (Estudo Heberprot). Implantou diversos programas pioneiros, na capital brasileira e no Brasil, que incluiu a dispensação de análogos de insulina de ação curta e longa em 2004 e 2005 e motivou a ampliação de acesso gratuito a outros Estados do Brasil. Atua como coordenadora do Polo de Pesquisas da Unidade de Endocrinologia do Hospital Regional de Taguatinga (DF). Tem sua carreira focada como preceptora do Programa de Residência da Unidade de Endocrinologia do Hospital Regional de Taguatinga da Secretaria de Saúde do DF (UENDO-HRT-SES-DF).

*Hermelinda  
Cordeiro Pedrosa*





Natural de Campina Grande-PB, filha de José Cavalcanti Pedrosa e de Maria Emília Cordeiro Pedrosa. Estudou nas Lourdinhas (Escola Virgem de Lourdes) e Damas (Escola Imaculada Conceição). É graduada em medicina pela Universidade Federal da Paraíba (1981), fez Residência em Clínica Médica e Estágio no Hospital de Base do DF (1982-1986). Fellowship em Diabetes na Radcliffe Infirmary, Oxford-UK (bolsista do CNPq 1988-1990). Atuou como docente da ESCS-DF (Escola Superior em Ciências da Saúde, 2001-2004). Tem título de especialista em Endocrinologia pela Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (SBEM); coordena o Polo de Pesquisa da Unidade de Endocrinologia da FEPECS (Fundação de Ensino e Pesquisa em Ciências da Saúde), vinculada à Secretaria de Estado de Saúde, Distrito Federal-SES-DF; e membro das Sociedades Brasileiras de Diabetes (SBD), Associação Latino-Americana de Diabetes (ALAD), American Diabetes Association (ADA) e da SBEM.

Hermelinda Pedrosa representa o Brasil junto ao International Working Group on the Diabetic Foot e coordena o Diabetic Foot Programme - International Diabetes Federation (IDF) for SACA Region. É membro do GLEPED (Grupo Latino-Americano de Estudo sobre o Pé Diabético) e do NeurALAD (Grupo de Neuropatia-ALAD). Atualmente, é Vice-Presidente Nacional da SBD e Presidente da SBD-DF e nominada como Vice-Presidente da WorldWIDE Diabets Foundation. Área de interesse: Diabetes (Neuropatia, Pé Diabético), Síndrome Metabólica, Endocrinologia Geral (Tireoide e Obesidade), Educação Pública em Diabetes.



Tem atuação docente nas Ciências Humanas. Em sala de aula, trabalha pautada pela teoria-prática, uma vez que articula os conhecimentos científicos à vida social brasileira. Nesse sentido, procura contemplar a diversidade epistemológica, sobretudo por estarmos em um momento histórico em que a produção científica, que possuía predominância eurocêntrica, atualmente vem sendo modificada pela divulgação de obras de autoras e autores africanos, afrodescendentes, indígenas, principalmente. Vale ressaltar que procura a interação ativa com estudantes para que o objetivo maior seja alcançado: conhecimentos transmitidos, polemizados e que sejam instrumentos para uma sociedade igualitária.

*Ivonildes da Silva  
Fonseca*





Ivonildes nasceu, no dia 26 de janeiro de 1958, na cidade de Castro Alves, na Bahia, e foi batizada com o nome de Ivonildes da Silva Fonseca, sendo filha do músico e pedreiro Albertino Pereira Fonseca e da lavadeira de roupa Áurea da Silva Fonseca.

Quando sua mãe, Áurea, casou com Albertino, ele era viúvo e já tinha 4 filhos. Ivonildes é a filha mais velha de uma família de cinco irmãos. Ela é mãe de dois filhos: João Torquato de Lima Neto e Daniel Torquato Fonseca de Lima. O pai é o ator paraibano João Torquato de Lima Filho (já falecido).

Ainda bebê, sua família mudou para Salvador, morando sempre em áreas periféricas na região da cidade baixa. As primeiras letras de seu aprendizado, o chamado primário, foram na Escola Santo Antonio, no bairro de Roma, criada pela Irmã Dulce e que bancava as aulas das crianças através de um convênio com o Círculo Operário da Bahia. O ginásio, segunda etapa da educação, foi feito no Colégio Estadual Alípio Franca, no bairro Bonfim, enquanto que o ensino médio foi no Colégio Estadual da Bahia. Em seguida, Ivonildes ingressou na Universidade Federal da Bahia, onde se formou em Biblioteconomia e Documentação, fazendo, em seguida, licenciatura e bacharelado em Ciências Sociais.

### **Família em estado de vulnerabilidade socioeconômica**

Enquanto criança e ainda sem condição para trabalhar, Ivonildes ajudava sua mãe numa quitanda caseira e também no trabalho conhecido como “lavadeira de ganho”, que consistia em lavar, passar ferro e entregar roupas em domicílio. Depois do curso superior, teve seu primeiro emprego de carteira assinada na Secretaria de Segurança Pública da Bahia.

Comentando como observava o trabalho das pessoas do nível social de sua família, à época, ela diz que como criança se sentia bem em poder ajudar a mãe (até porque não tinha outra opção) e via

tudo como normal. “Eu não tinha uma observação crítica acerca da desigualdade social enquanto construção social”, comenta.

Quanto ao trabalho do pai, Ivonildes diz que ele era músico em Castro Alves, mas quando migrou para Salvador foi exercer o ofício de pedreiro. Só que ele tinha o vício do álcool e, por isso, “nunca foi um pai padrão. Era um pai problemático e que tinha uma vida muito conturbada dentro da família. Ele foi pedreiro até morrer”, explica.

## **Mudança para a Paraíba**

A caminhada para a Paraíba começou em 1990, quando ela pediu uma licença sem vencimentos ao estado da Bahia e viajou com o companheiro que fazia o seu retorno para o solo paraibano, tendo ido morar em Cabedelo. Depois de um tempo, voltou para a Bahia, pois não queria se separar do seu amor e pai dos seus filhos, além de não conseguir esquecer a Paraíba, principalmente, por ter um cenário totalmente diferente de Salvador. “Ainda trabalhei na Bahia, mas já tinha me apaixonado por Cabedelo. Então pedi pra sair e voltei”, comentou.

Em João Pessoa, foi professora do UNIPÊ durante 11 anos e teve outros trabalhos, mas um dia do ano 2001, viu um edital de concurso público para a Universidade Estadual da Paraíba e resolveu se inscrever. Fez e foi aprovada para trabalhar em Campina Grande. “Minha relação com Campina começa a partir da UEPB”, diz, explicando ainda recebeu pedido de permutar com um colega professor que precisava deixar a cidade de Guarabira-PB e trabalhar em Campina por uma série de razões. Ela aceitou a permuta e foi trabalhar em Guarabira. Depois, voltou a trabalhar em Campina, mas até hoje mantém vínculo pedagógico com Guarabira, onde ministra aula toda semana.

## **Mestrado**

Ivonildes fez Mestrado e Doutorado na Paraíba, na UFPB. Os temas foram ligados ao trabalho que fazia com o Movimento Negro e Associação de Bairros em Salvador, com quem tinha uma ligação muito forte. Então, o tema racial negro foi a base de tudo, só que o Doutorado teve como pilar a questão da religião de matriz africana.

Sobre o trabalho atual que desenvolve na UEPB, dentro das Ciências Humanas, Ivonildes diz que “é muito conectado com a questão da busca por uma igualdade social, racial e de gênero” e, por conta disso, ela entende como sendo de muita importância para contribuir com a necessidade do que a humanidade precisa, que é uma sociedade igualitária e uma sociedade sem injustiça.

Fazendo uma comparação de quando começou a ensinar com o ensino nos dias atuais, Ivonildes diz que “há sim uma diferença, primeiro porque a sociedade é dinâmica e está em constante movimento”. Para ela, esse movimento pode ser classificado como um avanço ou um retrocesso.

Destacando alguns avanços, ela cita a questão do conteúdo. Diz que hoje há conteúdos que vêm sendo implementados em salas de aula, mas que fogem do padrão eurocêntrico, “então a gente vem trabalhando com conteúdos que tragam essa diversidade humana, seja com relação ao povo negro, seja com relação ao povo indígena ou a questão de gênero”.

Para ela, está havendo uma mudança também com relação à presença de estudantes negras e negros, indígenas, quilombolas, ciganas, trans, pessoas com deficiência no ensino brasileiro, fazendo ainda uma ressalva que é preciso avançar também com relação à população cigana (a Paraíba tem uma população cigana significativa).

Há também mudança na relação discente/docente, “já que houve um avanço e saímos daquele padrão em que o professor era

uma enciclopédia, era alguém inatingível. Hoje nós temos uma relação mais afetiva”. Ela considera que essas mudanças e esses avanços acontecem por conta da evolução das políticas educacionais.

## **Irmã Dulce**

Além de ter começado os estudos no colégio de Irmã Dulce, Ivonildes diz que conviveu com a religiosa. Comenta que, naquela época, Irmã Dulce já iniciava seu trabalho no hospital com obras de assistência social. Irmã Dulce recolhia doativos e, de 15 em 15 dias, ia à escola, escolhia algumas crianças para lhe acompanhar, nas ruas do comércio de Salvador, para angariar doações. “Eu fui algumas vezes. Ela pegava na mão da gente e ia pelas ruas pedindo doativos. Eu sempre tive essa memória muito forte em mim e depois que a Irmã Dulce virou santa, evidentemente, que essa lembrança se tornou preciosa para mim. Essa experiência de fraternidade que eu vivi é muito bonita para a gente contar”.

Tem Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (2011) e Mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba (1995). Fez licenciatura e bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (1992), onde também se graduou em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade. É professora titular na Universidade Estadual da Paraíba. Ministrou aulas no Centro Universitário de João Pessoa, na Faculdade de Enfermagem Santa Emília de Rodat e integrou a equipe da Bamidelê - Organização de Mulheres Negras na Paraíba. Participou da formação do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas - NEABI-UEPB – Guarabira e tem experiência na área de Ciências Sociais, com ênfase em Sociologia, atuando principalmente nos seguintes temas: mulher negra; educação e racismo; religiões afro-brasileiras.

Engenheira Mecânica e Bióloga, Consultora em Energia e Sustentabilidade,  
Energias Renováveis, Eficiência Energética, Mercado de Carbono e  
Desenvolvimento de Projetos.



*Jaqueline Barbosa  
do Nascimento  
Poole*



Jaqueline é natural de Campina Grande e nasceu em 28 de julho de 1964, filha de Aluizio Araújo do Nascimento e de Maria de Lourdes Barbosa Nascimento. Estudou no Instituto Santa Luiza de Marillac - Ensino Fundamental I (São Vicente de Paulo) - Ensino Fundamental II e Ensino Médio - Colégio Alfredo Dantas - Campina Grande/PB. Fez graduação em Engenharia Mecânica, como também, mestrado, ambos na UFPB Campus II (atual UFCG), e Licenciatura em Ciências Biológicas – UNICSUL/SP, e em São Carlos/SP, na USP (Universidade de São Paulo), onde realizou os seus estudos de doutorado, tendo concluído o mesmo em 1998. De lá, seguiu para o Rio de Janeiro onde conheceu seu marido, Alan Poole, americano da Califórnia e consultor internacional na área de energia, e com ele também começou a trabalhar no INEE (Instituto Nacional de Eficiência Energética). Casou-se, em 1999, e partiu com o seu marido para a sua primeira missão internacional na Índia, como parte de um grupo num projeto de energia da Índia-Brasil-China, financiado pelo Banco Mundial ao qual seu marido era ligado. Na volta ao Brasil, desenvolve vários estudos na área de energia e mudanças climáticas junto ao setor privado, adquire novas experiências e então parte para os Estados Unidos com a família (marido e filha), passa a colaborar em vários projetos no Brasil, em parceria com empresas e organismos internacionais. Em 2013, segue para as Filipinas onde seu marido passou a atuar como consultor sênior para o Asia Bank e também Banco Mundial; lá desenvolve estudos sabáticos, e passa a ver o mundo sob uma perspectiva diferente, assimilando as grandes diferenças entre os povos e seus caminhos específicos e singulares para o desenvolvimento. Após aquela temporada, segue então para a Califórnia onde passa a morar e desenvolver novos estudos na área de sustentabilidade ambiental.

Em 2016, após a morte súbita do seu marido, ocorrida em João Pessoa-PB, decide seguir o plano de ambos que era o de encaminhar a filha Nadine Poole para uma universidade americana. Atualmente, divide-se entre Washington DC onde desenvolve estudo numa

Fundação e a cidade de Boulder onde mora a filha, que cursa Biologia Molecular e Física e, seguindo estímulos recebidos dos pais, já integra uma equipe de pesquisa científica financiada pela NASA como parte do projeto MARTE. Nos propósitos da vida, segue firme, sempre que pode olha para trás, avalia o caminho que a levou até aqui e nunca esquece o quanto Campina Grande foi importante, o bastante para nunca esquecer sua origem. Ainda espera contribuir para o desenvolvimento da sua cidade e do seu Estado, já iniciando projetos com foco no Nordeste, mesmo estando em outro país.

Nos momentos mais difíceis, lembra que tem uma família e que essa é a base mais importante para cumprir seu destino. À Campina Grande, muita gratidão. Um desejo ainda a ser cumprido: ajudar jovens a seguirem a carreira de ciência e tecnologia, em especial, as mulheres.

As Ciências Humanas, tomando como referência a Geografia, permitem o estudo da complexidade das questões que afetam a humanidade e contribuem para compreender as pessoas e suas relações sociais nos diferentes territórios: seu movimento geopolítico no mundo, sua subjetividade, a construção do pensamento crítico, além dos questionamentos em relação aos sistemas de violências e submissões.

No exercício da docência, no âmbito do ensino superior, vem contribuindo para manutenção de sistemas políticos democráticos e de organizações sociais, na seara de temas como ética, moral, direito e deveres, entendendo ser pilares importantes na atuação das Ciências Humanas.

*Joana D'arc  
Araújo Ferreira*





Filha de pais professores, a professora Joana D'Arc nasceu no dia 2 de junho de 1969, em Campina Grande (PB). Seus pais são os professores universitários Antônio do Carmo Ferreira e Maria de Araújo Ferreira, naturais do distrito campinense de Galante, onde tinham uma vida na zona rural antes de deixarem o local em busca de estudo e conhecimento. Ávidos por educação, mudaram para a capital João Pessoa e depois para Campina Grande. O pai foi ensinar no curso de engenharia na antiga Universidade Poli, enquanto a mãe dava aulas em escolas particulares.

Integrante de uma família de oito irmãos, Joana D'Arc conheceu as primeiras letras no Grupo Escolar Sólon de Lucena, que funcionava perto de sua residência. O ginásio fez no Colégio Anésio Leão, enquanto que o científico foi no Colégio Estadual da Prata (o chamado Gigantão). Seu primeiro emprego foi numa escola chamada Centro de Desenvolvimento Infantil – CDI, cuja proprietária era Lourdinha Carneiro.

Seguindo no ensino público, formou-se em Engenharia de Minas e em Geografia na Universidade Estadual da Paraíba, onde também fez pós-graduação nos citados cursos. Além de ser aluna da UEPB, fez concurso, em 1993, para ser professora efetiva da instituição, onde continua ensinando até hoje. Joana D'Arc lembra que, nesse tempo, não havia necessidade de ter especialização para ensinar. “Bastava ser graduada. E eu era recém-graduada”, diz ela, lembrando também, na época, a UEPB estava começando e havia um grande número de professores consultores e Mestres que atendiam à titulação.

## **Campina Grande na adolescência**

A professora diz que, durante sua adolescência, via Campina Grande como um misto de cidade que traduzia uma década de modernização diferente das outras, mesmo sendo de interior. Isso

acontecia por conta de sua localização geográfica, estando num local de transição entre o Agreste, o Litoral e o Sertão e vivia seu momento de glória com o comércio do algodão. “Campina tinha as novidades. Era uma cidade tranquila e voltada, como sempre foi, para a questão da educação, com oportunidade para todos. Era uma cidade grande em seus aspectos educacionais”.

Quanto ao fator geográfico e com relação ao aspecto social, a professora considera que Campina continua como sempre foi: uma cidade acolhedora. “Dentro da questão climática, ela permanece extremamente confortável, apesar de ter significativas mudanças, mas isso acontece não só no cenário campinense, mas também em todo o mundo”, comenta. Ela também diz que Campina permanece com bom índice de importância em nível nacional, por conta de seus aspectos sociais, físicos e políticos, e por conta dos grandes nomes projetados durante anos no cenário brasileiro, politicamente falando.

### **Mestrado e Doutorado.**

No início do ano 2000, Joana D´Arc fez mestrado em gestões e políticas ambientais, na Universidade Federal de Pernambuco. O doutorado foi em recursos naturais, dentro de uma vertente que se desenvolveu num componente metodológico das áreas de risco, que são aspectos socialmente marginalizados, “mas foi desenvolvido com um método que traduz se a área é de alto risco, baixo risco ou médio risco, isso tanto na literatura quanto no produto midiático”, explica a professora. Seu doutorado foi na UFCG, enquanto que o pós-doutorado foi na UFPE, na área de educação.

Analisando a produção acadêmica dentro das ciências humanas hoje, a professora Joana D´Arc diz que faz essa ponte, já que todas as suas pesquisas têm como base a construção, o respeito, a coleta e um olhar humanizado nos espaços socialmente marginalizados, “como se chamam esses locais de modo comum e de forma

errônea, de favelas, e que o produto midiático até para amenizar essa questão e dar um pouco mais de respeito, chama de comunidade”.

## **Geo-historicidade**

Fazendo uma geo-historicidade do que foi e o que é Campina Grande, na atualidade, “a gente vê que é uma cidade que inclusive recentemente entrou no rol das cidades mais criativas. E Campina tem sim sabedoria, tem conhecimento porque é uma cidade acolhedora em educação. Nós temos grandes instituições públicas (como a UFCG e a UEPB), temos os grandes centros de tecnologia, as faculdades particulares. Então Campina hoje é cada vez mais receptiva. Isso porque ela é doadora. Ela se debruça e acolhe também por conta dessa questão da educação”, comenta.

Joana D’Arc costuma dizer que Campina Grande é sua terra, é sua história, sua vida e seu porto seguro. Define-se como uma pessoa espontânea, carismática, honesta e que ama. “Se sou uma pessoa que ama, sou uma pessoa que respeita”, concluiu.



Doutora em Ciências e Engenharia de Materiais, desenvolve projetos em Viabilidade Tecnológica de Novos Depósitos de Argilas Bentoníticas do Estado da Paraíba para Uso em Fluidos de Perfuração Base Água. Como também, trabalha em projetos e pesquisas nos Laboratórios de Tecnologia de Materiais LTM/CCT/UAEMa/UFCG e Laboratório de Caracterização de Materiais LCM/CCT/UAEMa/UFCG. Consultora AD-HOC/PIBIC/UFCG.

*Juliana de Melo  
Cartaxo*





Radicada em Campina Grande desde os quatro anos de idade, hoje casada (Daniel Nicolau S. Pinto Rocha) e mãe de dois filhos (Arthur Cartaxo Nicolau e Davi Cartaxo Nicolau). Natural de João Pessoa, nasceu em 23 de agosto de 1980, filha de Marcos Antônio Cartaxo (natural de Cajazeiras) e de Estela de Melo Cartaxo, (natural de João Pessoa). Estudou na Escola Virgem de Lourdes, do Ensino Infantil ao Ensino Médio. Fez Graduação em Bacharelado em Química Industrial, pela Universidade Estadual da Paraíba (1999 a 2003) e Formação Pedagógica para Graduados não Licenciados – Química, pela Universidade Cruzeiro do Sul (2019 a 2021). Especialização no Ensino de Química, pela Universidade Estadual da Paraíba (2004 a 2005), Mestrado em Engenharia Química, pela Universidade Federal de Campina Grande (2005 a 2008), Doutorado em Ciências e Engenharia de Materiais, pela Universidade Federal de Campina Grande (2008 a 2011) – Bolsista CNPq. Pesquisadora do CNPq, desenvolvendo atividades científicas dos projetos aprovados pelas seguintes chamadas universais: (vínculo atual), com o Projeto intitulado: Viabilidade Tecnológica de Novos Depósitos de Argilas Bentoníticas do Estado da Paraíba para Uso em Fluidos de Perfuração Base Água e o Projeto intitulado: Estudo das Argilas Bentoníticas Paraibanas para Aplicação em Pelotização de Minérios de Ferro. Funcionária Pública - Técnica de Laboratório na Unidade Acadêmica de Engenharia de Materiais da Universidade Federal de Campina Grande (2006 - vínculo atual).

Responsável técnica pelo Laboratório de Tecnologia de Materiais e toda a parte que abrange a caracterização de materiais em geral, operando os seguintes equipamentos: difração de raios-X - DRX, fluorescência de raios-X - EDX, análises térmicas - AT (incluindo: termogravimétrica - ATG, térmica diferencial - DTA, dilatométricas - DL, calorímetro diferencial de varredura - DSC), granulometria a laser - GL, microscopia eletrônica de varredura - MEV, potencial zeta, microdurômetro, reômetros, espectroscopia UV-vis, picnômetro de hélio, fornos de alta temperatura e liofilizadores. Desenvolvimento de Projetos de

Pesquisa com alunos de Iniciação Científica (projetos aprovados nos Editais de PIBIC contemplados com bolsas de IC), orientação de alunos de mestrado e doutorado, além de orientações de alunos voluntários, desenvolvendo pesquisas nos Laboratório de Tecnologia de Materiais LTM/CCT/UAEMa/UFCG e Laboratório de Caracterização de Materiais LCM/CCT/UAEMa/UFCG. Consultora AD-HOC/PIBIC/UFCG. (vínculo atual). Participação em bancas avaliadoras, publicações de artigos nacionais e internacionais em Periódicos. Professora Substituta na Universidade Estadual da Paraíba (2011) – Cursos Química Industrial, Licenciatura em Química e Ciências Biológicas.

**D**esign industrial, pesquisadora em áreas multidisciplinares, especialista em projetos de dispositivos médicos, tecnologias assistivas e bem-estar humano. E assim se conduz: “Eu descobri que criar e achar maneira de fazer todas as minhas ideias funcionarem são oriundas de uma personalidade criativa, curiosa e realizadora, voltada para as tecnologias e inovação. Digamos que entendo o uso da tecnologia como um caminho para dar qualidade de vida para as pessoas”.

*Karolina Celi  
Tavares Bezerra*





Natural de Campina Grande, nasceu em 19 de maio de 1985, filha de Magna Celi Tavares Bispo e de Hélio Francisco Bezerra, estudou na Escola Virgem de Lourdes (Lourdinhas) e no Motiva. Graduada em Desenho Industrial, Mestra em Design e Desenvolvimento de Produto pelo Instituto Politécnico do Cávado e do Ave, Portugal e Doutorada em Engenharia Mecânica pela Universidade do Minho, Portugal, concluído em 2018. Pesquisadora em áreas multidisciplinares, especialista em projetos de dispositivos médicos, tecnologias assistivas, idosos e bem-estar humano. Os principais interesses entrelaçam o design e a engenharia na busca pela harmonia para o desenvolvimento de novos produtos. É autora e coautora de alguns trabalhos, periódicos e de conferências referenciadas, e algumas patentes foram desenvolvidas no contexto do principal campo de pesquisa na área da saúde.

Karolina, enxerga no design e em seus campos de atuação uma ação que a emociona e desperta paixão e criatividade latente que vem do criador. Inventiva, criadora pelas pesquisas, vivenciando e absorvendo questões que se pretendem resolver, criando um caminho para a história do produto desenvolvido, através do projeto planejando a gestão dos processos, desde sua concepção como ideia até a possibilidade de prototipação e construção. Pois, ainda na graduação, observou que o design, apenas como ideia, sem sair do papel não tem uso. É uma perspectiva pessoal com relação à concepção do produto e sua utilidade social. E, assim, seguindo o conceito fundamentalista “a forma segue a função”, dando início a uma longa jornada, começando por criar uma inovação, um novo design para a pistola de cola quente, consagrado em diversos prêmios e exposições nacionais e internacionais, sendo este seu primeiro produto patenteado. A curiosidade não parou, continuou a jornada como designer numa empresa de dispositivos médicos, onde aprendeu muito e entusiasmada por cada processo de fabricação idealizado em cada momento, a capacidade de materialização das ideias.

E seguiu pela curiosidade de pesquisadora para aprender mais, pois não achava suficiente.

O Mestrado em Portugal, adquiriu experiência que ampliou seus horizontes em relação à indústria e mercado, desde marcas de luxo de mobiliário, experiência na Bosch em Portugal, Indústria de termoaculadores, pesquisa em instituições de cuidados diárias de pessoas idosas e docência em instituições estrangeiras. E, ainda, com estas experiências cresceu aos seus conhecimentos na área de pesquisa e desenvolvimento em dispositivos médicos, desenvolvendo projetos voltados para a melhoria de vida de pessoas idosas e com limitações. Sua experiência se deu vinculada a uma equipe multidisciplinar e de forma colaborativa, onde todas as engenharias estiveram empregadas. Como primeiro resultado do Mestrado realizado no Instituto Politécnico do Cávado e do Ave (Portugal) deu origem ao dispositivo de determinação de tipo sanguíneo em casos de emergência. Foi um case de sucesso, sentindo-se grata por fazer parte do projeto e, hoje em dia, é comercializado por uma empresa em Portugal. A ciência para ela é motivadora e desafiante, sendo designer e optando pelo Doutorado na área da mecatrônica. A pesquisa obteve corpo e forma. O desenvolvimento de tecnologias assistivas no âmbito dos cuidados de pessoas idosas e com limitações físicas. Desenvolvendo colchões, sistema de cuidados de saúde a distância, cabines para banhos, sistema para dar banho em pessoas idosas e acamadas, metodologia para auxiliar os cuidadores de pessoas acamadas.

Agregou mais de 20 publicações científicas, duas patentes e dois registros de marca, experiência na docência, experiência na indústria, aprovações em projetos, revisão de artigos em revistas internacionais. Além de fazer parte do comitê de organização de conferências no exterior, e mantendo-se em colaboração como pesquisadora na Universidade do Minho (Portugal). E, hoje, no Brasil, dando continuidade à pesquisa e desenvolvimento P&DI, uma função de designer

e pesquisadora no Núcleo de Tecnologias e Estratégicas em Saúde (NUTES) da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, onde desenvolve projetos voltados para a área da saúde.



Integrante do Núcleo de Tecnologias Estratégica em Saúde – NUTES no qual é coordenadora administrativa dos projetos de Parceria de Desenvolvimento Produtivo - PDP do Ministério da Saúde, envolvendo transferência de tecnologia e fabricação de equipamentos médicos diretamente para o SUS. Atua na área de Avaliação de Tecnologias em Saúde (ATS), Verificação e Validação de Softwares embarcados em Equipamentos Médicos, Análise de Imagens e Sinais Biomédicos e Sistema de Gestão da Qualidade.

*Katia Elizabete  
Galdino*





Natural de Campina Grande, nasceu em 15 de setembro de 1967, filha de Carmelita Rodrigues Alves e de Severino Galdino Ferreira, estudou na Escola São Vicente de Paula, Damas. Graduada em Bacharelado em Matemática pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Mestra em Ciência da Computação pela UFPB, Doutorado em Engenharia de Produção pela UFPB e MBA em Economia e Avaliação de Tecnologia em Saúde pelo Hospital Alemão Oswaldo Cruz e PROADI-SUS. Professora efetiva do Departamento de Computação da UEPB, foi coordenadora do Mestrado Profissional em Ciência e Tecnologia em Saúde da UEPB de 2014 até 2020. Atualmente, é Coordenadora Geral Adjunta e Administrativa do Núcleo de Tecnologia Estratégicas em Saúde – NUTES/UEPB, Coordenadora Administrativa do Centro de Inovação Tecnológica Telmo Araújo – CITTA, Coordenadora dos projetos de Parceria de Desenvolvimento Produtivo – PDP do NUTES em parceria com o Ministério da Saúde, envolvendo transferência de tecnologia e fabricação de equipamentos médicos diretamente para o SUS. Em termos de pesquisa, atua nas áreas de Avaliação de Tecnologia em Saúde (ATS), Matemática Computacional, Otimização, Processamento de Sinais e Imagens em Equipamentos Médicos e Sistema de Gestão da Qualidade.



**A**credita numa medicina voltada à integralidade. Pedir menos exames e olhar o paciente na totalidade. Usar a tecnologia integrada cada vez mais com a humanização para o bem-estar do paciente e seus familiares para um mundo melhor, eficaz e mais feliz.

*Lizanka Paola  
Figueiredo  
Marinheiro*





Natural de Campina Grande, nasceu em 05 de junho de 1961, na Maternidade Elpídio de Almeida, filha de João Marinheiro e de Elizabeth Figueiredo Agra Marinheiro. Estudou na Escola Regina Coeli, Damas, EPUC e Pio XI. Seu primeiro emprego foi no Instituto Domingos Sávio ensinando Inglês aos 15 anos. Possui graduação em Medicina pela Universidade Federal da Paraíba (1983), residência em Clínica Médica pelo Hospital dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro, HSE (1985), Mestrado em Medicina (Endocrinologia) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1989) e Doutorado em Ciências (Saúde da Mulher) pela Fundação Oswaldo Cruz (2000). Professora da Pós-graduação em Saúde da Mulher e da Criança.

Professora da Pós-graduação em Pesquisa Clínica Aplicada à Saúde da Mulher e da Criança do Instituto Nacional de Saúde da Mulher, Criança e Adolescente Fernandes Figueira-Fiocruz, onde também é chefe do Setor de Endocrinologia. Responsável pela Pós-graduação lato sensu em Endocrinologia Feminina do Instituto Nacional Fernandes Figueira/Fiocruz. É consultora da ANVISA, membro efetivo da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia; é médica do Instituto Nacional de Saúde da Criança, Mulher e Adolescente -Fernandes Figueira da Fundação Oswaldo Cruz, na área de Endocrinologia, atuando principalmente na saúde da mulher no climatério e suas doenças de maior prevalência tais como osteoporose, diabetes, hipertensão arterial e obesidade, distúrbios com um olhar multidisciplinar voltado para integralidade, visando a seu envelhecimento com uma maior longevidade e melhor qualidade de vida. Atua também, desde 1984, em clínica privada.



**H**istoriadora e Bacharela em Direito, encontrou na História sua maior vocação pelo conhecimento. Fez Doutorado na Universidade de Coimbra/Portugal, com a tese: “Retórica da Alteridade – Representações de Portugal e dos portugueses na historiografia brasileira”, e Pós-Doutorado pela mesma instituição. Professora da Universidade Estadual da Paraíba, dedica-se ao ensino da História da Paraíba em suas múltiplas dimensões e domínios. A escolha dessa abordagem tem origem na sua perspectiva de usos da História, focando o local como conhecimento capaz de formar e firmar uma identidade voltada para a ação positiva e propositiva sobre a sociedade e seus problemas. Coordenadora do NUPHEL/UEPB - Núcleo de Pesquisa e Extensão em História Local da Universidade Estadual da Paraíba, de 2017 a 2021.

*Luíra Freire  
Monteiro*





Natural de Campina Grande, nasceu em 23 de março de 1962, filha de Lucas Hygino Monteiro, funcionário público, e de Iraci Freire de Figueiredo Monteiro, Enfermeira. Fez os estudos iniciais no grupo Escolar Félix Araújo e na Escola Modelo Polivalente, no Catolé, onde viveu sua infância e juventude na antiga Rua Santa Margarida (atual Elpídio de Almeida), quando tinha como prazer o desenho e a pintura. Dividiu o ensino médio entre o Estadual da Prata e o Colégio Alfredo Dantas, quando ingressou como estagiária no Banco do Nordeste do Brasil, aos 17 anos. Por sugestão do pai, fez vestibular para o curso de Direito, na antiga Universidade Regional do Nordeste, hoje UEPB, trabalhando na área por algum tempo, especialmente como aprendiz dos escritórios de Severino Brasil e Fernando Porto. Mesmo advogando, ingressou no curso de História, em 1991, e ali descobriu o prazer do conhecimento, que a fez abandonar a carreira de advogada. Antes de concluir a graduação, foi aprovada na seleção de Mestrado em Economia Política, da UFPB.

Casou-se em primeiras núpcias com o catarinense Silvio Tiago Cabral, com quem teve seu primeiro filho, Lucas Manoel, estudante de Ciências da Computação. Ingressou como professora visitante na UEPB em 1997, no Departamento de História, onde permanece até hoje como professora efetiva. Em 2008, mudou-se para Portugal, onde cursou o Doutorado em História na Universidade de Coimbra, que aprovou com louvor e distinção sua tese “Retórica da Alteridade – Representações de Portugal e dos portugueses na historiografia brasileira”, publicada pela Editora Hedra em 2015. No retorno ao Brasil, assumiu a cadeira de História da Paraíba, no curso de História da UEPB, o que a levou a organizar um grupo de pesquisa, no CNPQ, com estudos voltados à Identidade, à Memória e ao Patrimônio Cultural Local. Do grupo, nasceram projetos de defesa, preservação e difusão de documentos judiciais da Paraíba, materializados em atividades de extensão para digitalização dos autos findos anteriores ao século XX, de algumas comarcas da Paraíba. O desdobramento dessas atividades resultou na digitalização de documentos paroquiais

e cartoriais também, fomentando um acervo de imagens sobre o passado da Paraíba, doado integralmente ao Núcleo de Pesquisa e Extensão em História Local – NUPEHL/UEPB, por ela coordenado desde 2017. Contando com 34 bolsistas, empenhou-se na pesquisa sobre várias cidades e gentes da Paraíba, coordenando o trabalho de digitalização do Jornal A União, a partir do acervo físico da SECULT do Município de Esperança-PB. Em 2021, concluiu o Pós-Doutorado na Universidade de Coimbra, apresentando o relatório Caminhos e descaminhos na produção de acervos digitais de processos oriundos do Poder Judiciário do estado da Paraíba, de natureza inventarial e testamentária, com datação anterior ao século XIX. E experiência do Núcleo de Pesquisa e Extensão em História Local da Universidade Estadual da Paraíba. Atualmente, coordena a Editora Nativa, voltada à publicação de divulgação de produções Acadêmicas e Artísticas dos lugares da Paraíba, e luta pela doação dos autos findos das Comarcas, junto ao Tribunal de Justiça do Estado.

É avaliadora do PNLD-MEC. Anualmente, lança seus resultados de pesquisa em livros produzidos pelo próprio Núcleo, num vigoroso trabalho de divulgação das pesquisas em história local. Administra várias páginas online sobre os trabalhos do NUPEHL e expõe parte de sua produção em perfil acadêmico. É autora de variados artigos em revistas especializadas dentro e fora do país e de livros cujos títulos denotam seu interesse pela História da Paraíba e a fecundidade de sua produção como historiadora: “História, Arte e Cultura da Paraíba” (2016), “Leituras do Passado, Escritas do Presente” (2016), “Tramas do Tempo, Impressões do Vivido” (2017), “História Local, Múltiplos Olhares” (2018), “Limites no Horizonte do Tempo – textos em história local” (2019), “O Passado ao Nosso Redor – Histórias pela Paraíba” (2020), “Filipeia – Paisagens Históricas”, “A Peleja do Velho com o Novo – Memória e Patrimônio em Campina Grande” (2021) e “Canaã de leais forasteiros – história de vida dos estrangeiros que fizeram Campina (no prelo). É casada com o historiador Flávio Carreiro de Santana, e irmã da também professora Lucira Freire Monteiro (CCJ/

UEPB), formando um trio fecundo nas lides pela história e pela preservação da memória e dos acervos paraibanos. Nas raras horas vagas, dedica-se à genealogia, exibindo uma árvore onde se conta setenta gerações.



**T**em experiência na área de Educação, com ênfase em Formação Docente e História e Cultura Afro-brasileira, atuando principalmente nos temas de formação inicial e continuada, Ensino de História, Livros Didáticos de História, racismo, a lei 10.639/2003, 11.645/2008, a luta de resistência dos povos indígenas e negros, em especial, as mulheres negras.

*Margareth Maria  
de Melo*





Natural de Campina Grande, Paraíba, nasceu em 15 de fevereiro de 1963, filha de Expedito Raimundo de Melo e Adaiza Alves de Melo, os quais tinham como formação o nível primário (fundamental). Seu pai era militar e sua mãe doméstica, construíram uma família de nove filhos, da qual Margareth é primogênita.

Cresceu numa família católica, tradicional em pleno regime militar, aos treze anos tinha uma vivência na igreja que foi convidada a participar de um evento de formação e iniciou uma trajetória de atuação no grupo de jovens, catequese, crisma, grupos de oração, comunidades eclesiais de base, agente de pastoral leiga e o grupo Paixão de Viver.

Sempre se destacou nos estudos, fez o Curso de Pedagogia na Universidade Regional do Nordeste (1988), Mestrado em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (1999) e Doutorado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2012). Começou a trabalhar quando concluiu o Ensino Médio no Colégio Estadual da Prata (1980), deu aula na alfabetização de crianças e de Ensino Religioso para estudantes do Ensino Fundamental II em escola privada, Instituto Nordeste no bairro do Alto Branco, onde tinha cursado todo Ensino Fundamental. Em 1983, foi convidada para trabalhar no Colégio Imaculada Conceição (Damas), como professora de Ensino Religioso e coordenadora de turma, mesmo não tendo formação pedagógica, mas as experiências de grupos da pastoral a favoreceram.

Entrou na militância do Movimento Negro no ano de 1988, do Centenário da Abolição dos Escravizados, algumas atividades foram organizadas por um Comitê formado por diversas instituições civis da sociedade e foi escolhida por Dom Luís G. Fernandes, bispo local, para representar a Igreja Católica. Atuou no Movimento Negro até 1995.

Em 1992, ingressou na Universidade Estadual da Paraíba, como professora substituta e, em 1993, conseguiu ser aprovada em

concurso público nesta instituição, na qual trabalha até os dias atuais. É professora do Departamento de Educação, ministra aulas no Curso de Pedagogia e ocupa a função de Diretora-Adjunta do Centro de Educação. Em 2007, entrou no Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Indígena, NEABI, passou a pesquisar sobre a temática, e desenvolver cursos de formação, eventos e extensão universitária. Com o tema de doutoramento versou sobre a questão negra no Curso de Pedagogia e desde então, estuda, produz e ensina sobre a temática afro-brasileira e indígena na formação docente.

Desde 2012, passou a participar de processos eleitorais dentro da Universidade, assumindo os cargos de Coordenação do Curso de Pedagogia, Chefia do Departamento de Educação, Direção-Adjunta do Centro de Educação, além de membro dos Conselhos Superiores da UEPB (CONSEPE, CONSUNI) e, ainda, representante da UEPB no Conselho Municipal de Educação e Fórum Municipal de Educação. Seu compromisso com a qualidade da educação pública, preocupação com a acessibilidade de todas as pessoas como sujeitos de direitos e a responsabilidade de formação crítica e emancipadora são marcas de sua trajetória acadêmica. A professora Margareth tem vários artigos publicados em anais de eventos, capítulos de livros e sua tese foi publicada com o título: Gerando Eus, Tecendo Redes e Trançando Nós: relações étnico-raciais na formação de professores. Margareth é divorciada, mãe de Matheus, jovem com 20 anos, tem 40 anos de experiência docente, sendo 30 anos na UEPB.

Médica com pós-graduação pela Universidade de São Paulo-USP, Ribeirão Preto – SP. Reprodução Humana, Ginecologia e Obstetrícia. Professora aposentada da Universidade Federal da Paraíba, Campus II, hoje Universidade Federal de Campina Grande - UFCG. Em 1996, participa da reforma curricular do Curso de Medicina. Propõe e implanta a disciplina de reprodução humana, sexualidade humana. No mesmo ano, implanta a disciplina de Planejamento Familiar na grade curricular do Curso Médico. Tendo sido a primeira Faculdade de Medicina a ensinar Planejamento Familiar no curso médico. Pioneira em assistência médica nas especialidades de Reprodução Humana. Na atualidade, continua a assistir aos casais que têm limitação reprodutiva e deseja engravidar. Presta assistência na especialidade, de baixa e média complexidade em seu consultório em Campina Grande. Os casos que requerem manipulação de gametas e transferência de pré-embriões, alta complexidade, são assistidos em parceria com a Clínica Arte Fértil, no Recife.

*Maria das Graças  
Vieira de Souza  
e Cavalcanti de  
Castro*





Ela diz ser a comemoração do Ceará, nascida do Crato. Morou, ainda, em três Estados: Piauí, Pernambuco, Salvador e, por último, Paraíba, Campina Grande, na qual é criada e radicada desde os sete anos de idade. Filha de Milton Rodrigues de Sousa, funcionário da Produção Mineral e depois caminhoneiro, e de Leticia Vieira de Sousa, eternamente costureira e estilista. Estudou inicialmente no Recife, no Instituto Nacional, cujo diretor era o professor Menezes; sua primeira professora foi Dona Bete, irmã do diretor. Aprendeu a ler e escrever, com Dona Ilka Ferreira Gomes, no Colégio Pio XI. No referido colégio, permaneceu do 1º ano (A) até o 4º ginasial, quando foi expulsa por haver comandado uma excursão, à revelia da direção. Liderou a turma durante todo o período. Quando voltaram da excursão, as transferências estavam prontas, de modo que o Padre Emídio lhe disse: "Você nem seu povo ficam mais aqui, estão todas postas para fora". Eram todas mulheres. Estudou no Colégio Estadual da Prata. Fez Graduação em Medicina, inicialmente pela Faculdade de Medicina de Campina Grande, depois UFPE e internato na UNICAMP e concluindo na Universidade Federal de Pernambuco em 1975.

Residência Médica na UNICAMP. Pós-Graduação, na USP, Ribeirão Preto. Área de Concentração: Tocoginecologia/Esterilidade Conjugal. Especialização em Medicina do Trabalho pela UNAERP, Administração Hospitalar pela FACISA, Metodologia de Pesquisa/UEPB. Saúde Baseada em Evidência pelo Sírio Libânês. Perícia Médica pela Estácio de Sá. Presidiu a Comissão de Residência Médica do Hospital Universitário Alcides Carneiro-HUAC e obteve seu reconhecimento junto à Comissão Nacional de Residência Médica; fundou O CEP - Comitê de Ética e Pesquisa do HUAC, fundou o NUTESM – Núcleo de Telessaúde e Telemedicina do HUAC. Criou o NUPEAMI - Núcleo de Pesquisa e Assistência Materno Infantil, para dar sustentação ao Ensino e à Assistência do Planejamento Familiar em Campina Grande.



**G**raduada em Medicina pela Universidade Federal da Paraíba, com Residência Médica em Neurologia, Mestrado e Doutorado em Medicina pela Universidade Federal de São Paulo pelo programa de Neurologia e Neurociências. Supervisora do serviço de Neurologia e coordenadora do programa de Residência Médica em Neurologia do Hospital Santa Marcelina. Professora de neurologia e coordenadora do módulo de Saúde do Adulto e Idoso do curso de Medicina da Faculdade Santa Marcelina. Experiência na área de Medicina, com ênfase em Neurologia, atuando principalmente na área de distúrbios do movimento.

*Maria Sheila  
Guimarães Rocha*





Filha de Edésio Guedes da Rocha (militar do exército) e Maria Salete Guimarães Rocha, natural de Campina Grande, nasceu em 17 de março de 1964. Concluiu a primeira fase do Ensino Fundamental (antigo primário) no Colégio Dom Bosco, em Petrolina. Concluiu a segunda fase do Ensino Fundamental (antigo ginásio) no Colégio Pio X, em João Pessoa. Concluiu o Ensino Médio (antigo científico) no CPUC - Colégio Pré-Universitário Campinense, em Campina Grande. No Rio de Janeiro, estudou no Curso Brasília. Fez parte do segundo ano do Ensino Fundamental. Em Santa Rita, iniciou a pré-escola. Em Açu, estudou no Colégio Nossa Senhora das Vitórias. Em Natal, estudou no Colégio Santa Filomena (hoje Colégio Estella Maris). Em Picos, estudou no Colégio Monsenhor Hipólito. Fez o segundo ano e, depois, o sexto ano do Ensino Fundamental. Em Santarém, estudou no Colégio Dom Amando. Lá, fez o primeiro e o segundo ano do Ensino Médio. Sendo filha de militar do quadro técnico, mudou-se muitas vezes ao longo da sua formação básica.

Graduada em Medicina, em 1987, na Universidade Federal da Paraíba, Campus II, atualmente Universidade Federal de Campina Grande, aos 23 anos. Fez o último ano de Medicina em São Paulo em 1987. Residência Médica em Neurologia na Universidade Federal de São Paulo entre 1989 e 1992. Mestrado e Doutorado em Neurologia na Universidade Federal de São Paulo entre 1992-2000. Estágios de aprimoramento em Neurologia Geral e Neurofisiologia na Alemanha, em 1994 e 2022, respectivamente. Especialista em distúrbios do movimento e neuromodulação.

Mais de 100 publicações em periódicos médicos em neurologia. Mais de 250 trabalhos científicos apresentados em congressos de Neurologia, nacionais e internacionais. Editora e autora do livro Neurologia na Atenção Primária, livro editado com o objetivo de facilitar o entendimento das principais doenças neurológicas no âmbito da atenção primária, auxiliando os médicos generalistas a tratarem e encaminharem os pacientes com doenças neurológicas.

Editora e revisora de trabalhos científicos em revistas médicas neurológicas nacionais e internacionais. Membro titular da Academia Brasileira de Neurologia, da Movement Disorders Society, da American Academy of Neurology e da Society for Neuroscience.

Supervisora médica do serviço de Neurologia Clínica no Hospital Santa Marcelina desde 1995; hospital universitário de ensino na zona leste de São Paulo. Coordenadora da Residência Médica em Neurologia do referido hospital desde 1995, sendo responsável pela formação médica especializada em Neurologia de mais de 140 médicos, hoje neurologistas em atividade médica em várias localidades no Brasil. Além da atividade assistencial e na formação de especialistas no Hospital Santa Marcelina, é professora de neurologia e coordenadora do ciclo clínico do curso de medicina da Faculdade Santa Marcelina em São Paulo.

A tua em Taxonomia de plantas vasculares, especialmente Solanaceae, farmacobotânica, etnobotânica e etnofarmacologia.

*Maria de Fátima  
Agra*





Natural de Campina Grande, nascida em 04 de outubro de 1952, filha de Dária da Silva Agra e Everaldo da Costa Agra. Estudou no Colégio Estadual de José Pinheiro e no Colégio Pio XI. Graduada em Ciências Farmacêuticas pela Universidade Federal da Paraíba (1977), com Mestrado em Botânica pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (1991) e Doutorado em Ciências Biológicas (Botânica) pela Universidade de São Paulo (2001). Atualmente, é professora associada da Universidade Federal da Paraíba e Diretora presidente do Instituto UFPB de Desenvolvimento do Estado da Paraíba. Tem atuado como revisora de vários periódicos nacionais e internacionais, como *Systematic Botany*, *Journal of Ethnopharmacology*, *Botany*, *Microscopy*, *Research and Technique* (USA), *Novon* (USA), *PhytoKeys* (USA), *African Journal of Plant Science*, *Hoehnea* (São Paulo), *Biota Neotropica*, *Rodriguésia*, *Caldasia* (Universidade Nacional da Colômbia), *Revista Brasileira de Farmacognosia*, *Economic Botany*. Além disso, faz parte do Conselho Editoria da *Revista Brasileira de Plantas Mediciniais* e *Review Editor* da *Revista Frontiers in Pharmacology*, section *Ethnopharmacology*. Tem experiência na área de Botânica, com ênfase em Taxonomia de Fanerógamos, especialmente em Solanaceae do Nordeste e de *Solanum* subgênero *Leptostemonum*.

Tem participado de projetos nacionais e internacionais, como coordenadora ou colaboradora, com apoio de órgãos de fomento, como CAPES, CNPq, CNRS e FINEP, atuando em estudos de taxonomia e sistemática, farmacobotânica de plantas medicinais, etnofarmacologia e etnomedicina, especialmente com espécies da flora do Nordeste do Brasil. Atuou como coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Produto Naturais e Sintéticos Bioativos da Universidade Federal de Paraíba, de maio de 2010 a dezembro de 2013, triênio que o programa passou do nível 5 para 6 nos critérios da CAPES. É credenciada como colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Biologia Vegetal, nível 6, Universidade Federal de Pernambuco, e permanente no Programa de Pós-Graduação em

Biodiversidade, Campus II, Areia, e no Mestrado em Biotecnologia, do Centro de Biotecnologia, ambos da Universidade Federal de Paraíba.

**M**édica, Phd, cientista, pesquisadora. Feminista, ativista em questões de gênero e violência contra a mulher, ativista pela humanização do parto e nascimento, defensora dos direitos reprodutivos e da autonomia feminina. Atualmente, é professora associada doutora de ginecologia e obstetrícia da UFCG e professora da pós-graduação stricto sensu do ISEA. Consultora técnico-científica do ISEA. Atende pré-natal de alto risco no Isea (maternidade-escola da UFCG) e é diarista da UTI obstétrica. Desenvolve pesquisas na área de saúde da mulher e orienta alunos de iniciação científica, TCC, Mestrado e Doutorado. Tem mais de 300 artigos publicados em revistas nacionais e internacionais.

*Melânia Maria  
Ramos de Amorim*





Natural de Campina Grande, nasceu em 11 de julho de 1967, filha de Joaquim Amorim Neto e de Léa Amorim. Possui graduação em Medicina pela Universidade Federal da Paraíba (1989), residência médica em Ginecologia e Obstetrícia pelo IMIP (1992), Mestrado em Saúde Materno Infantil pelo Instituto Materno Infantil de Pernambuco (1995) e Doutorado em Tocoginecologia pela Universidade Estadual de Campinas (1998). Pós-Doutorado concluído em 2009, também pela Universidade Estadual de Campinas. Pós-Doutorado na Organização Mundial de Saúde (OMS) em Genebra (2010). Tem Título de Especialista em Ginecologia e Obstetrícia (TEGO) por concurso (1992). Atualmente, é professora associada Doutora da Universidade Federal de Campina Grande (PB), professora da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) de Campina Grande e professora da pós-graduação (Mestrado profissional em terapia intensiva, Mestrado acadêmico e Doutorado em saúde integral) do Instituto de Medicina Integral Prof. Fernando Figueira (IMIP - Recife/PE). Ensina Ginecologia e Obstetrícia na graduação e ministra as disciplinas: “Elaboração de Projetos de Pesquisa”, “Informática Aplicada à Saúde”, “Epi-Info: Curso Avançado” e “Saúde Baseada em Evidências” na pós-graduação. Em 2020, ministrou ainda a optativa “COVID-19 e gravidez”. Dentro da UFCG, também atua como preceptora da Residência Médica em Ginecologia e Obstetrícia do Hospital Universitário Alcides Carneiro/ISEA. Tem 57 orientações de Mestrado e 23 orientações de Doutorado concluídas. Orienta, atualmente, quatro dissertações de Mestrado e três de Doutorado. Orientou 50 alunos de Iniciação Científica e tem mais seis orientações em curso. Participou de diversas bancas de Mestrado e concursos para professor universitário. Membro do American College of Obstetricians and Gynecologists (ACOG), EUA e do Global Doctors for Choice.

Fundadora e membro da Rede Feminista de Ginecologistas e Obstetras (Brasil). Pesquisadora Sênior do IPESQ (Instituto Paraibano de Pesquisa Prof. Joaquim Amorim Neto). Instrutora do ALSO Brasil. Atua na área de Saúde da Mulher e da Infância, com ênfase em suas

linhas de pesquisa: Medicina Baseada em Evidências, Humanização do Parto e Nascimento, Hipertensão e Gravidez, Gestação de Alto-Risco, Medicina Fetal, Mortalidade Materna, Aborto, Terapia Intensiva em Obstetrícia, Pesquisa Translacional e Cirurgia Ginecológica. Participou do grupo elaborador das Diretrizes Brasileiras de Assistência ao Parto Normal e à Operação Cesariana. Fez parte do Grupo de Desenvolvimento do Guideline (GDG) para as recomendações da Organização Mundial da Saúde sobre cuidados intraparto para uma experiência de nascimento positiva. Participa de dois grupos de pesquisa cadastrados no CNPq, coordenando o “Grupo de Estudos em Saúde da Mulher” (UFCG). Tem mais de 330 publicações completas e quatro artigos aceitos para publicação em periódicos nacionais e internacionais, além de diversos trabalhos apresentados em congressos. É autora de seis livros e 36 capítulos de livros. É pesquisadora associada do Grupo de Gravidez e Nascimento da Biblioteca Cochrane e Consultora da Organização Mundial da Saúde (OMS). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Feminista, ativista em questões de gênero e violência contra a mulher, ativista pela humanização do parto e nascimento, defensora dos direitos reprodutivos e da autonomia feminina.

A tua nas áreas de ciência e tecnologia de alimentos, principalmente voltadas à tecnologia de lácteos e encapsulação de bioativos. Também possui trabalhos na área de biotecnologia e energias renováveis. Água, Controle de Qualidade, Empreendedorismo, Inovação e Gestão.

*Monica Tejo  
Cavalcanti*





Natural de Campina Grande-PB, nasceu em 27 de junho de 1980, filha de Cristina Di Pace Tejo, e de José Homero Feitosa Cavalcanti. Estudou na infância no colégio Santa Cruz, e na adolescência no CPUC e depois Geo. Foi concursada na UEPB e depois passou no concurso para professora na UFCG, Campus de Pombal, morando por 10 anos em Pombal e recebeu o título de cidadã pombalense, retornou a Campina Grande em 2020. Diretora do Instituto Nacional do Semiárido - INSA/MCTI (a partir de 2020), bolsista de produtividade CNPq DT-2 (área Tecnologia e Inovação para Agropecuária), Professora Associada II no Curso de Graduação em Engenharia de Alimentos da Universidade Federal de Campina Grande - CCTA/UFCG. Possui Graduação em Farmácia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB (2004), Mestrado em Ciência e Tecnologia de Alimentos pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB (2007), Doutorado em Engenharia de Processos pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG (2011) e MBA em Empreendedorismo de Alto Impacto e Inovação (2017).

É professora permanente dos Programas de Pós-Graduação em Sistemas Agroindustriais (Acadêmico e Profissional) na UFCG. Coordenadora da Incubadora de Agronegócios das Cooperativas, Organizações Comunitárias, Associações e Assentamentos Rurais do Semiárido da Paraíba - IACOC/PaqTcPB (a partir de 2014). Foi coordenadora de Projetos no Programa de Estudos e Ações para o Semiárido - PEASA/UFCG. É membro do Conselho Técnico-Científico - CTC do Centro Nacional de Monitoramento e Alerta de Desastres Naturais - CEMADEN e do Centro de Tecnologias Estratégicas do Nordeste - CETENE. Foi agraciada na 4ª edição do Prêmio Celso Furtado de Desenvolvimento Regional - Categoria Nordeste: Inovações e Sustentabilidade. Tem experiência na área de Ciência e Tecnologia de Alimentos, Biotecnologia, Água, Controle de Qualidade, Empreendedorismo, Inovação e Gestão.



A tua nas áreas de pesquisa de biomateriais (nanocompósitos, nanocargas) manufatura aditiva, tecnologias 3D, gerenciamento de processos e gestão da qualidade para produtos para saúde. “Sua fala: - É um desafio pelo caminho da Ciência, da Tecnologia e da Inovação, melhorar e gerar impactos social na região em que se encontra, como também, gerar desenvolvimento econômico. E a mão de obra qualificada da cidade formada pelas universidades não consegue ser absorvida pelo Estado”.

*Nadja Maria da  
Silva Oliveira*





É natural de Campina Grande, nasceu em 11 de março de 1979, filha de Oliveiros Cavalcanti de Oliveira, natural de Campina Grande, e de Zilda da Silva Oliveira, natural de Sumé-PB, casada e mãe de dois filhos, todo estudo inicial foi no Colégio CPUC, fez vestibular para Ciência da Computação na UFCG e Odontologia na UEPB, mas optou por Odontologia. É Doutora (2013) e Mestra (2009) em Ciência e Engenharia dos Materiais pela Universidade Federal de Campina Grande/UFCG. Tem Especializações em Dentística Restauradora (2006) pela Associação Brasileira de Odontologia secção Paraíba (ABO/PB) e Programa de Saúde da Família pela Faculdade de Ciências Aplicadas (FACISA) (2007). Possui Aperfeiçoamento em Oclusão, DTM e Dor Orofacial (2008).

É membro do grupo de pesquisa em Biomateriais da Universidade Estadual da Paraíba/UEPB. É professora efetiva do Departamento de Odontologia da Universidade Estadual nos componentes Materiais Dentários I e Materiais Dentários II. Atualmente, é Pró-Reitora Adjunta de Pós-Graduação e Pesquisa da UEPB. É Diretora Técnica da Fundação Parque Tecnológico da Paraíba. É docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias para Saúde (PPGCTS) em nível de Mestrado Profissionalizante/NUTES/UEPB. Possui certificação em Indústria e Saúde 4.0 pela universidade de Deusto/Espanha e em Empreendedorismo, Inovação e Cadeia de Valor pelo Danida DFC/Ministério das Relações Exteriores/Kopenhague/Dinamarca. Possui certificação como auditora interna para RDC16/2013 da ANVISA, para ISO 9001, ISO 14971, ISO 13485 e presta consultoria nessa área. É membro da comissão da ABNT para implantes cirúrgicos CB26 e da Comissão de Manufatura Aditiva. Atua nas áreas de pesquisa de biomateriais (nanocompósitos, nanocargas) manufatura aditiva, tecnologias 3D, gerenciamento de processos e gestão da qualidade para produtos para saúde.



A professora Patrícia desenvolve pesquisas e estudos voltados para as questões étnico-raciais na perspectiva do povo negro, povos indígenas e ciganos. Assim como pesquisas voltadas para a formação docente, ensino de história e educação escolar e educação do campo. É também seu campo de interesse as discussões que permeiam a relação entre história e literatura na abordagem de temas relativos às mulheres negras, povos ciganos, povos indígenas, infâncias e juventudes.

*Patrícia Cristina  
de Aragão*





A professora Patrícia Cristina de Aragão nasceu em Campina Grande no dia 21 de julho de 1964. Filha de Maria da Paz Tavares de Aragão e Isaac de Aragão, sempre viu sua família trabalhar muito para sobreviver, mas aprendeu que a educação e o aprendizado eram o caminho para as conquistas ao longo da vida. Sua mãe quando criança trabalhou em campos de fumo, depois mudou para Campina Grande, onde foi empregada doméstica e costureira. Patrícia é mãe de Camila Stefanie de Aragão Araújo e José Wellington Borges Araújo Júnior.

As primeiras letras da professora foram em Campina, no Instituto 4 de Outubro e no Educandário Machado de Assis. Seu pai conseguiu uma bolsa de estudo e ela foi estudar no Colégio Alfredo Dantas, onde fez todo o ginásio. Quando terminou o período de estudo e o tempo de validade da bolsa, fez teste para entrar no Colégio Estadual da Prata (O Gigantão), onde concluiu o científico.

Patrícia lembra que seu primeiro emprego foi num cartório, depois fez estágio na prefeitura municipal e, em seguida, trabalhou como professora do EJA – Programa de Educação de Jovens e Adultos. Fez vestibular para o curso de História na ainda Universidade Federal da Paraíba (hoje UFCG) e fez Psicologia na Fundação Universidade Regional do Nordeste (FURNE, à época), hoje Universidade Estadual da Paraíba. Em 2001, fez concurso para a UEPB. Ela sempre pensou em atuar na área da psicologia clínica, apesar de ter o sonho de criança de ser professora. E ser professora de História. “Isso sempre fez parte da minha perspectiva tanto profissional como de vida”, comenta. E ela optou por seguir o curso de História, mesmo dizendo que a Psicologia contribuiu muito para a sua trajetória como professora.

## **Nada foi por acaso**

“A escolha por história não foi algo aleatório, mas sim algo pretendido porque desde criança observava as mudanças nos contextos históricos e sociais e me interessava por essas questões”, comenta Patrícia, dizendo ainda que, durante a adolescência, já via Campina Grande como uma cidade em mutação, do ponto de vista social, econômico e cultural.

Para explicar essa fala sobre mutação, ela volta aos anos 70, quando diz que a cidade passava por várias transformações sociais. “Havia culminância de movimentos sociais e de juventude. Eu participei do JUC – Juventude Unida do Centenário. Centenário era o bairro onde eu morava e que na época ainda era chamado de Vila Lira (por conta da família com esse nome ter grande influência política e financeira), mas depois virou Centenário (para marcar o centenário da cidade”, explica. Participando do JUC, ela fazia leitura política, social e educacional dentro do contexto da cidade. Era da periferia e era o ambiente da periferia que frequentava, o que lhe dava a oportunidade de observar de perto cada situação, vendo além do lado humano. A professora diz que, nesse período, teve a oportunidade de conviver com uma diversidade de jovens das mesmas condições sociais que ela, das classes populares e que naquele contexto (época da ditadura militar), foi um período que possibilitou perceber a realidade da cidade, as mudanças que ocorriam como por exemplo, quando a empresa Wallig Nordeste fechou e causou aumento do desemprego e do subemprego.

## **Atração pelo conhecimento**

A produção de conhecimento no campo das ciências humanas sempre a atraiu, por conta de uma questão de vida e de militância, da discussão sobre o povo negro, sobre o povo indígena, sobre os

jovens (principalmente da periferia), e das infâncias. “Tudo isso fazia parte de meus interesses. Entrei no curso de História justamente por conta dessas questões, das discussões em termos das mulheres. Mulheres porque eu venho de uma trajetória de duas mulheres (minha avó e minha mãe) que me educaram e que eram mulheres que tinham perspectivas de vida. Eram mulheres empoderadas e isso me permitiu ver o mundo sob outra perspectiva que me fez gostar de temas que comumente não eram muito trabalhados na ciência naquele tempo”, diz Patrícia.

Atualmente, ela afirma que quando observa jovens na universidade trabalhando com questões sociais, com questões políticas e sociais voltadas para esses grupos sociais ditos entre aspas, minorias, fica muito feliz porque foi de uma geração que lutava para que isso se evidenciasse. “Eu acho muito importante produzir ciência hoje que aborde questões que permeiam o social e esses grupos que durante muito tempo foram invisibilizados, mas não foram invisibilizados em suas próprias lutas. Esse é o meu campo de interesse”.

Patrícia fez Mestrado em Economia na área de concentração em movimentos sociais e fez Doutorado em Educação. No Mestrado, trabalhou com a questão dos migrantes, os deslocamentos populacionais do campo para a cidade, até porque era uma identificação pessoal e de vida também, já que seus avós maternos e paternos foram migrantes. Ela explica que eles foram migrantes que saíram de cidades paraibanas para outras cidades maiores, a exemplo de Campina Grande “e isso fez parte de minha trajetória de vida”.

Oriunda de uma família de migrantes, acabou tendo interesse pelo tema. Tanto é que, na sua dissertação de Mestrado em Economia, pesquisou sobre o deslocamento populacional de migrantes do campo para a cidade e das cidades para os grandes centros, os chamados grandes conglomerados.

## **Cordel no ambiente de ensino**

Na sua tese de Doutorado em Educação, mudou a temática e destinou a pesquisa e os estudos para a literatura de cordel. Ela explica sua escolha pelo cordel dizendo, primeiro, porque gosta do trabalho e da forma como o cordelista educa, informalmente, e tem educado a partir de seu trabalho, de seus cordéis e suas produções. E segundo porque queria apontar o cordelista como um educador popular e mostrar que os cordéis, além do deleite de leitura, têm questões sociais fortíssimas que podem ser discutidas no campo educacional. “Por essa razão, eu propus uma tese de Doutorado que trabalhasse o cordelista como um educador, o cordel como ambiente de ensino e aprendizagem, um meio de ensinar e aprender, de forma intercultural. É possível o diálogo dos cordéis com outras perspectivas culturais. E eu me debrucei sobre essa discussão”, comenta.

Desde que entrou no curso de História, em 1999, ainda como professora substituta, Patrícia sempre ministrou disciplinas na área de educação, por já se identificar com a prática há algum tempo. Ela gosta de trabalhar com a questão étnico-racial, com a perspectiva do povo negro, do povo indígena e do povo cigano. Gosta de trabalhar com a perspectiva de formação dos professores, da prática docente, e considera isso importante, “pois a área de formação permite ver os dois lugares, tanto da formação inicial quanto da formação continuada. É uma área que chama a atenção porque a partir dela e com ela, e com a leitura do social, é possível discutir e perceber as questões sociais que permeiam a formação do professor na perspectiva da história local, da memória, do patrimônio, da cultura escolar, do currículo, dos temas sociais, das diversidades, das questões culturais e políticas e políticas educacionais”.

## **Campina Grande hoje**

Na visão da professora, Campina Grande hoje é uma cidade onde ainda há muito o que se fazer tanto no campo político como no social. Ela diz que é visível a percepção de que, mesmo com a chegada de várias indústrias, muita coisa ainda precisa acontecer. “A gente olha a cidade crescendo e com esse crescimento vem também um inchamento que, por sua vez, nos permite ver questões diversas. Não que na minha infância não tivesse pobreza ou fome, desemprego ou subemprego. Mas eu acredito que houve um crescimento bem maior nesses setores. Qualquer um pode ver isso. As questões sociais são muito fortes na cidade. Você percebe isso quando passa pelas ruas e vê pessoas dormindo nas calçadas e nas praças, e pedindo comida. A cidade é o grande teto dos sem tetos”.

Apesar de tudo, Patrícia diz que Campina representa muito para ela. Afirma gostar demais da cidade não apenas porque nasceu aqui, mas também por ter aqui sua trajetória de família e de trabalho. “Se você me perguntar se tem outro lugar que eu queria morar sempre vou responder Campina Grande. Eu já visitei outros Estados, viajei para algumas capitais e até já morei em outras cidades, mas eu gosto demais de Campina, que é uma cidade que me acolhe”, destaca.

Por fim, Patrícia se define como uma pessoa do mundo e que está aprendendo com ele. “Eu espero aprender mais e mais”. Para ela, nem o Mestrado nem o Doutorado a fizeram pensar que já sabia de tudo, “pois, na vida, sou uma eterna aprendiz. E me defino como uma mulher preta, filha de uma mulher preta e de um homem preto”, concluiu.



Trabalho com forte aderência nas Ciências Humanas por causa da natureza multidisciplinar e abrangente do campo de estudo em que atua – linguagem e sociedade. A linguagem é uma característica central da condição humana, sendo um meio fundamental de expressão, comunicação e interação. Portanto, atuar na área das Ciências Humanas é se dedicar ao estudo dos seres humanos, suas culturas, linguagens, sociedades e expressões artísticas.

*Patrícia Silva  
Rosas de Araújo*





Patrícia é natural de Campina Grande (PB), nascida no dia 5 de março de 1983, numa família de nove irmãos. Patrícia é filha de Ivan Rosas (*in memoriam*) e Maria do Carmo Silva. Suas primeiras letras foram na Escola Municipal Luiz Cambeba, em Campina Grande, indo depois estudar no Colégio Polivalente, Escola Normal e, posteriormente, entrou na Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

Seu primeiro emprego foi no Programa 4S Promenor, que cuidava de menores em situação de vulnerabilidade social. Sua atuação começou no bairro Jardim Paulistano e, em seguida, mudou para o Monte Santo, onde trabalhou como professora de Português e fez auxílio pedagógico junto a crianças.

Os pais de Patrícia eram pessoas simples. Seu pai era pedreiro e sua mãe empregada doméstica. A maior parte de sua vida, morou no bairro Catingueira e mudou depois para o Catolé. Atualmente, é casada com o servidor público federal José Delmar Araújo, com quem teve filhos gêmeos: Ângelo e Mariana.

Como diz a professora Patrícia: “A história de cada um de nós é um grande iceberg submerso no oceano. Apenas uma parte pequena deixamos a mostra para que os pelejantes possam avistar”. Com nove irmãos, com idades aproximadas, cresceram juntos, com as cumplicidades de irmãos.

Ainda criança, enfrentou diversas dificuldades, lutando desde pequenina contra a fome e a falta de moradia, morou no lixão a céu aberto, sob uma lona preta e o sol forte. Neste espaço insalubre, foi catadora de ossos e de outros materiais para vender e comprar mantimentos. Trabalhou em olaria batendo barro para tijolos, trabalhou em roçado arrancando batatas, trabalhou em abatedouro fazendo serviços gerais, entre outras pequenas atividades para ajudar no sustento da casa.

Embora estivesse vivendo em situação de vulnerabilidade social, encontrou na escola um lugar de pouso, de segurança e de futuro. Foi na escola que se encantou pela docência, inspirada em

sua primeira professora, Rosa. E se espelhava nela para acalantar alunos desmotivados, como ela fazia. Mas como melhorar a vida de um aluno? Não sabia como fazer isso. Logo, passou a estudar, fazer pesquisa e se dedicar ao magistério logo cedo.

Fez o Magistério na Escola Normal (2000), depois ingressou no Curso de Letras na Universidade Estadual da Paraíba (2003). Anos mais tarde, ingressou no Mestrado em Linguagem e Ensino na Universidade Federal de Campina Grande (2009). Nessa época, estava atuando como professora concursada num município do interior da Paraíba. Não conseguindo conciliar as disciplinas do Mestrado e o horário do trabalho, mesmo tendo amparo no estatuto do servidor, foi falar com o prefeito do município solicitando pessoalmente o deferimento do seu pleito para flexibilização do horário de trabalho em questão. Escutando o seguinte: “Professora, aqui você escolhe se quer trabalhar ou estudar. Eu não preciso de uma professora mestra, apenas de uma professora que dê conta da sala de aula”.

Palavras que a puseram no chão, no entanto, ela esperava ser reconhecida como uma professora em formação, trazendo melhoras para a prática docente e, conseqüentemente, para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Diz Patrícia: “Foi decepcionante escutar aquelas palavras. Mas aquele prefeito não sabia de onde eu vinha, nem conhecia a força da resiliência que me habitava”. Lembrando um verso da canção popular nordestina: Tareco e mariola, de Petrucio Amorim, imortalizada por Flávio José: “[...]. **Não sabe tu que eu já tirei leite de pedra? [...]**”.

Decidiu continuar estudando e deixou o concurso, abraçando as conseqüências e privações que surgiriam. Diante de tal fato, seguiu os estudos e, anos mais tarde, ingressou no Doutorado em Linguística na Universidade Federal da Paraíba (2013). Quando terminou o curso, voltou para a sala de aula, anos finais do ensino fundamental, num novo concurso em outra prefeitura do interior. Na

época (2017), escutando dos alunos aquelas perguntas que todo professor já ouviu:

“Professora, é pra copiar”?

“Professora, vale ponto”?

“Professora, vai dar visto no caderno”?

“Professora, vai ter redação”?

“Professora, esse assunto cai na prova”?

“Professora, depois de ler, é pra fazer o quê?”

As perguntas inquietaram e a fizeram refletir:

*Será que continuo na sua zona de conforto e sigo o caminho já estabelecido, tão conhecido pelos meus alunos; ou rompo com essa prática e busco uma zona de superação e crescimento?*

A professora Patrícia inquieta por mudanças, escolheu romper com velhas práticas de sala de aula, surgindo assim e criando a Revista Tertúlia e o Projeto de Leitura Desengaveta Meu Texto. Tais projetos têm o intuito de oportunizar novas experiências leitoras para além da nota ou cobrança didática. Desenvolvendo uma metodologia para o ensino de leitura que trazia melhores resultados para enfrentar a desmotivação dos seus alunos para a leitura e a produção escrita.

O Projeto de Leitura Desengaveta Meu Texto já impactou a vida de cerca de 4 mil estudantes, em 6 escolas públicas, em duas cidades da Paraíba. Já recebeu importantes prêmios e reconhecimentos nacionais e, atualmente, é o Instituto Desengavetar, entidade sem fins lucrativos que atende crianças e jovens da educação básica através de clubes de leitura, cursos de extensão, oficinas de escrita, dentre outras atividades.

Da experiência do Desengaveta, surgiu o MochiLER, Programa de Proficiência Leitora que oferece aos professores da educação básica *ferramentas, metodologias e boas práticas* para o desenvolvimento de habilidades e competências leitoras de seus alunos. O propósito é “tornar a leitura uma experiência capaz de conectar os textos às pessoas, aos lugares e às emoções”. Afinal de contas, “não basta ler, é preciso viajar”, aprender e ensinar para além dos muros da escola. A professora, costuma dizer que o MochiLER é o Desengaveta Meu Texto na sua idade jovem, mais experiente para lidar com a problemática das questões da falta de competência em leitura no nosso país.

Após 20 anos de experiência como professora da educação básica e ensino superior, deixa registrado um pouco da sua trajetória como pesquisadora educacional: Pós-Doutora em Linguagem e Ensino (PPGLE/UFCG); Doutora em Linguística (PROLING/UFPB), com Doutorado-Sanduíche na Universidade Federal de Buenos Aires (UBA/Argentina); Mestra em Linguagem e Ensino (UFCG); Especialista em Língua Portuguesa (UEPB); Graduada em Letras (UEPB); Graduada em Pedagogia (UNICESUMAR); Professora da Rede Estadual desde 2013; atuou na elaboração da Proposta Curricular do Estado da Paraíba, na área de Linguagens; idealizadora e coordenadora do Projeto de Leitura Desengaveta Meu Texto; uma das idealizadoras do Programa de Proficiência Leitora, o MochiLER; atua nas áreas de Língua Portuguesa, Linguística, Literatura e Currículo, desenvolvendo estudos e pesquisas nas seguintes perspectivas teórico-metodológicas: Análise Dialógica do Discurso, Teoria/Análise de Gêneros Discursivos, Leitura e Produção Textual, Formação de Professores, Literatura Infantojuvenil; Documentos Oficiais (BNCC); Currículo; Produção de material didático-pedagógico; recebeu diversos prêmios e reconhecimentos nacionais pela sua atuação na área da educação: venceu o Prêmio LED – Luz na Educação - Fundação Roberto Marinho, Globo (2022); foi três vezes finalistas ao Prêmio Jabuti, categoria Fomento à Leitura (2018, 2020, 2021);

Venceu o Edital de Pesquisa: Anos Finais do Ensino Fundamental – Adolescências, Qualidade e Equidade na Escola Pública (2019-2021); recebeu o Prêmio da FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil) como Melhor Programa de Incentivo à Leitura (2019).



Professora Rosilene diz entender que o campo das Ciências Humanas é muito importante para a construção e a transformação da sociedade. Ela acredita que “sem o raciocínio, o pensamento, o conhecimento e sem uma cultura questionadora, formadora e que busque os princípios civilizatórios de uma sociedade as coisas perdem muito o sentido e as desigualdades levam os povos ao sofrimento”.

Ela diz que escolheu as Ciências Humanas por vocação. Sempre pensou em fazer um curso que lhe desse a condição de ter uma atuação reflexiva, crítica e que contribuísse para a transformação da sociedade. Mestre em Economia Rural pela Universidade Federal da Paraíba (1993) e Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas (2001). Pós-Doutora em Dinâmicas territoriais do desenvolvimento e regionalizações pelo PPGEU/UFPE (2020).



*Rosilene Dias  
Montenegro*



Ela nasceu no dia 24 de outubro de 1960, na cidade de Queimadas (PB), que, na época, era distrito de Campina Grande e foi até 14 de dezembro de 1961, quando emancipada politicamente. Nasceu numa rua com nome polêmico: Rua dos Três Cacetes. Era referência a um homem que tinha duas namoradas na mesma rua, ambas descobriram, uniram-se e deram literalmente um cacete nele. Comenta-se que ele apanhou por três vezes. Hoje a rua não existe mais, o assunto virou folclore e a vida da menina Rosilene seguiu seu caminho.

Filha de Geneton Pedro da Silva e Beatriz Dias da Silva, que apesar dos pais serem semianalfabetos sempre tiveram uma postura positiva e de incentivo com relação à educação dos filhos, “sendo assim um verdadeiro exemplo, ontem e hoje, de como devem agir os pais no que diz respeito a questão educacional”, comenta.

Sendo filha mais velha de uma família de quatro irmãos e diz que nunca, nem ela nem eles, ouviram dos pais uma palavra negativa do tipo “você não vai conseguir, você não é capaz, você é preguiçoso”. Muito pelo contrário. E diz com satisfação que os filhos do casal Geneton e Beatriz cresceram ouvindo coisas como “estude, você vai conseguir, você é lindo, inteligente, você é uma pessoa bacana”. Ela relata que foi criada com base em valores morais, éticos e religiosos e que considera os pais como pessoas muito singulares, únicas e muito especiais.

## **Educação tardia**

Em busca de trabalho e melhoria de vida, o pai de Rosilene mudou para o Rio de Janeiro. Sua mãe foi depois com os filhos. Por conta da idade e outros fatores, foi difícil encontrar vaga na rede pública de ensino para ela estudar. Somente aos 9 anos, surgiu sua primeira vaga na escola pública, e ela precisou ingressar no terceiro ano primário. Como havia praticamente se alfabetizado sozinha em

casa, lendo tudo que achava pela frente, fazendo exercícios inventados a partir da Cartilha do ABC e aprendendo números na Tabuada, não foi difícil para a garota Rosilene acompanhar o ritmo da turma.

Como sua família sempre mudava de bairro para se adaptar à realidade financeira do aluguel, ela teve que estudar em vários colégios para poder concluir o ensino primário ao segundo grau. Sua primeira escola foi a municipal Sílvio Romero, no bairro Honório Gurgel. Depois estudou na Escola Municipal Madre Benedita, no bairro Guadalupe e fez parte do ensino médio na Escola Estadual Prof. José Acioli, em Marechal Hermes. Concluiu no colégio particular Pio XII, no mesmo bairro.

Desde pequena, Rosilene sempre teve uma tendência para a área das Ciências Humanas. Seu primeiro vestibular, para a Universidade Santa Úrsula, foi para o curso de Engenharia Civil. Ela passou, mas nem sequer foi fazer a matrícula por não se identificar com o curso. Em seguida, fez vestibular para Letras e Literatura Portuguesa e foi novamente aprovada.

Entretanto, nesse mesmo período, sua família decidiu voltar para a Paraíba, para morar em Campina Grande. Rosilene estava com 21 anos de idade, morava com a família e não quis ficar no Rio, em casa de parentes, para estudar e trabalhar. Desde os 15 anos, trabalhava com carteira assinada. Começou como auxiliar de escritório de um advogado chamado Francisco de Assis. Depois trabalhou na mesma função num ambulatório, num escritório de contabilidade e numa fábrica. Mesmo com a vontade de entrar na faculdade, escolheu acompanhar os pais na viagem de volta.

## **Tempo de conhecer e escolher**

Quando chegou em Campina Grande, Rosilene estava desempregada, sem estudar e se sentia indignada com a vida por não ter conseguido o que queria, que era justamente entrar na faculdade.

Ela tinha então que conhecer tudo, fazer escolhas e recomeçar. Era o início dos anos 1980. Ao conhecer o prédio da então Universidade Federal da Paraíba, ela não gostou da estrutura física do local e também porque o curso oferecido era só de Letras. Não tinha a junção de Literatura Portuguesa como imaginava.

Rosilene decidiu então fazer vestibular para o curso de Direito. Passou, mas não se identificou e abandonou o estudo. Em seguida, fez vestibular para o curso de História, na UFPB, Campus II, foi aprovada e teve identificação imediata com a área. Começou como aluna e continua na hoje Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, como professora, nos dias atuais.

Era o ano de 1982, quando conheceu o professor José Benjamin Montenegro. No ano seguinte, eles se casaram, estão juntos até hoje e são pais de um casal de filhos e têm quatro netas. Quando entrou no curso de História, tinha a experiência de trabalhar ainda jovem, de estudar, à noite, e uma certa inclinação para a política, que diz não saber de onde vem.

“Eu sempre fui muito ligada e atenta às coisas da política. Ainda no Rio de Janeiro, conheci alguns grupos de alunos que discutiam política e me identifiquei com eles. Passei a conhecer várias tendências, aprendi muito e a leitura me deu formação crítica da sociedade”, comenta Rosilene. Tão logo chegou a Campina Grande e antes de entrar no curso de História, já procurou saber como funcionava a Sociedade de Amigos do Bairro em que foi morar – José Pinheiro – e como podia fazer para contribuir com a política da entidade, enquanto pessoa humana e enquanto cidadã.

## **Evolução constante**

Depois de fazer vestibular para História, concluir o curso, Graduação e Mestrado em Economia. Ainda durante o Mestrado, surgiram vagas para professor. Eram apenas três e mais de 60 pessoas

se inscreveram, inclusive seu marido José Benjamin, que passou em primeiro lugar. Rosilene ficou na quinta colocação e precisou esperar cerca de um ano até ser chamada para trabalhar. Isso aconteceu em setembro de 1991. Enquanto aguardava a convocação, Rosilene teve uma breve experiência como professora do ensino médio e fundamental, ensinando nos colégios particulares Alfredo Dantas, Regina Coeli e Dimensão.

Na época que defendeu o Mestrado, o professor José Jobson, da Universidade de São Paulo – USP, estava em Campina Grande e acompanhou tudo. Ele ouviu muitos elogios sobre o trabalho e o desempenho de Rosilene e alguns dias depois, em conversa com ela, ofereceu-se para ser seu orientador no Doutorado. Era março de 1993 e, em agosto do mesmo ano, mandou o projeto de Doutorado para a USP, Unicamp e PUC. O projeto foi aprovado nas três universidades, mas ela optou pela Unicamp.

## **Definição**

Professora Rosilene diz entender que o campo das Ciências Humanas é um muito importante para a construção e a transformação da sociedade. Acredita que “sem o raciocínio, o pensamento, o conhecimento e sem uma cultura questionadora, formadora e que busque os princípios civilizatórios de uma sociedade as coisas perdem muito o sentido e as desigualdades levam os povos ao sofrimento”.

Ela diz que escolheu as Ciências Humanas por vocação. Sempre pensou em fazer um curso que lhe desse a condição de ter uma atuação reflexiva, crítica e que contribuísse para a transformação da sociedade. A professora diz que está atuando nessa área porque gosta muito e a considera extremamente importante, especialmente no contexto atual que o Brasil e o mundo vivem.

No seu trabalho profissional do dia a dia, a professora tem grande atuação no ensino e muita inclinação na pesquisa. Desde que começou a ensinar que aprova projetos de pesquisa e diz que, além disso, precisa mostrar na prática. Daí a necessidade de estender o trabalho para extensão, “mas é nesse momento que há a maior dificuldade e sofrimento porque falta tudo. Falta dinheiro, apoio e transporte, mas mesmo aos trancos e barrancos fazemos de tudo para que o objetivo seja alcançado”.

## **Profissional**

A Professora Rosilene é Titular em História na Universidade Federal de Campina Grande (2018), com Graduação em História pela Universidade Federal da Paraíba (1989), Mestra em Economia Rural pela Universidade Federal da Paraíba (1993) e Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas (2001). Pós-Doutora em Dinâmicas Territoriais do Desenvolvimento e Regionalizações pelo PPGEU/UFPE (2020) sobre o tema “Desenvolvimento e gênero: dados sobre a presença das mulheres nas ciências e tecnologias (1996-2018)”. Atua no curso de Graduação em História e na Pós-Graduação em História da UFCG. Com experiência na área de História do Brasil República, com ênfase nos temas: memória, história oral, história da ciência e tecnologia, estudos de gênero, políticas públicas e desenvolvimento regional. Além de experiência em análise documental e organização de arquivos, como também, realizado qualificação em Arquivologia na Universidade de São Paulo (2006). E como líder do Grupo de Pesquisa História e Memória da Ciência e Tecnologia em Campina Grande a partir de 2004; criadora e coordenadora da ação permanente de pesquisa “Projeto Memória da Ciência e Tecnologia” em 2004. Tem experiência de gestão acadêmico-administrativa tendo exercido cargos de vice-coordenadora de graduação (2000-2002); vice-diretora e diretora de Centro (2005-2013); e pró-reitora de pesquisa e extensão (2013-2016).



**E**ngenheira de pesquisa e desenvolvimento (P&D) no Centro de Pesquisa da Empresa Constellium, na França. Responsável pelas análises orgânicas de todas as usinas no mundo do grupo (na França e exterior). Pesquisas voltadas para otimização/desenvolvimento das emulsões utilizadas no processo de laminagem das placas de ligas de alumínio. Para a fabricação de cada componente de interesse do grande grupo de produtos (aviões, carros, submarinos, foguetes, trens, embalagens...). Diferentes moléculas orgânicas são utilizadas de acordo com a liga a ser laminada. As pesquisas consistem no desenvolvimento das emulsões, quais moléculas são compatíveis quimicamente e fisicamente, e realizando vários testes;

Na análise quantitativa das moléculas utilizadas: desenvolve vários métodos de análise quantitativa utilizando técnicas de separação de moléculas por cromatografia líquida. Visto que a análise quantitativa das moléculas é validada, aplicam-se os métodos e a técnica de quantificação nas usinas que estão laminando o produto de interesse. Preparando e formando técnicos que farão as análises. A quantificação das moléculas deve ser precisa, pois qualquer erro de quantificação para mais ou para menos, acarreta defeitos de superfície nas placas durante a laminagem.

*Shayenne Diniz  
da Nóbrega*





É natural de Campina Grande, nasceu em 21 de agosto de 1980, cresceu no bairro do Catolé, filha de José Marcos da Nobrega (Engenheiro Químico) e Elielza Josefa Diniz da Nobrega (Jornalista). Durante o primário, estudou na Escola São Vicente de Paula. Quinta e sexta série, no CPUC, e, da sétima série até o terceiro ano, estudou no GEO. Sempre quis ser Engenheira. Passou na terceira tentativa do vestibular. Graduada em Engenharia de Materiais pela Universidade Federal de Campina Grande, PB - Brasil. 2000/2005. Casada com Mathieu Milesi. Mestrado em Engenharia Química pela Universidade Federal da Bahia, 2006/2008, sob o título: Elaboração, otimização e caracterização de materiais cerâmicos para pilhas a combustível do tipo SOFC funcionando com etanol. Doutorado em Energia Nuclear (Universidade de São Paulo, Brasil / Université Joseph Fourier, Grenoble – França). Com uma parte da pesquisa do Doutorado desenvolvida na França. 2009/2013: com o título: Síntese, elaboração, otimização e caracterização de materiais cerâmicos para a construção e funcionamento de pilhas a combustível operando com etanol e biogás. Em 2013, ao finalizar o Doutorado, voltou para a França, para a Universidade Joseph Fourier, cidade de Grenoble, para fazer o primeiro Pós-Doutorado, entre 2013-20015. E entre 2015-2016, fez o segundo Pós-Doutorado na “Ecole des Mines”, na cidade de Saint Etienne, na França. Todas as pesquisas nos dois Pós-Doutorados foram dedicadas à Energia Renovável. E, atualmente, desde 2017, trabalha como Engenheira de Pesquisa e Desenvolvimento na empresa **C-TEC Constellium**, na cidade de Voreppe, na França. C-TEC é o centro de Tecnologia, Pesquisa e Desenvolvimento. Além das análises orgânicas, também no desenvolvimento de outras técnicas de análise mineral para a quantificação dos elementos compostos nas ligas de alumínio que são desenvolvidas.

A Constellium é líder mundial em inovação e fabricação de ligas de alumínio para a construção: aeronáutica (Boeing, Embraer, Airbus, Bombardier, China AirCraft), automóvel (Fiat, Audi, Volkswagen,

Toyota, Renault-Nissan, Peugeot, BMW, Jaguar, Mercedes Benz, Honda), latas (Coca-Cola, latas em conserva), embalagens de luxo de alumínio (cosméticos, perfumes, maquiagens). São 7 usinas espalhadas pelo mundo: 2 nos Estados Unidos, 2 na França, 2 na Alemanha, 1 na Suíça. Centro onde trabalha, toda a pesquisa é realizada lá, na qual ela faz parte.

Vanessa é Professora Associada da UFCG e atua no curso de graduação em Engenharia de Produção e no Programa de Pós-Graduação em Administração da UFCG. É fundadora e coordenadora do DeSiDeS (Desenvolvimento de Sistemas de Apoio à Decisões Sustentáveis - [www.desides.org](http://www.desides.org)) e desenvolve pesquisa na área de Apoio à Decisão, com ênfase nos temas Análise Multicritério, Negociação e Resolução de Conflitos e Métodos para Estruturação de Problemas.

*Vanessa Batista  
Schramm*





Natural de Cubati, Paraíba, nasceu em 29 de outubro de 1979, filha de Vanderlan Pereira da Silva e de Justa Batista de Sousa Silva. Lá estudou em escolas públicas da cidade até 1994 e, no ano seguinte, migrou para João Pessoa para estudar na Escola Técnica Federal da Paraíba - ETEFPB (atual IFPB), onde fez o curso técnico de Eletrotécnica (2005-2008). Em 1999, Vanessa mudou para Campina Grande para cursar a Graduação em Engenharia Elétrica na UFCG (1999-2004) e, desde então, radicada em Campina Grande. No período de 2004 a 2010, Vanessa foi para Recife/PE, onde atuou como engenheira de testes na empresa Motorola, de 2004 a 2007. No mesmo período, realizou uma Especialização em Engenharia de Software pelo Centro de Informática da Universidade Federal de Pernambuco (CIn/UFPE).

Em 2007, ingressou no Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da UFPE, onde adquiriu os graus de Mestra e Doutora na área. Desde 2010, Vanessa é Professora Adjunta da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e atua no curso de Graduação em Engenharia de Produção e no Programa de Pós-Graduação em Administração da UFCG. É fundadora e coordenadora do DeSiDeS (Desenvolvimento de Sistemas de Apoio às Decisões Sustentáveis - [www.desides.org](http://www.desides.org)), laboratório da UFCG associado ao INCT-INSID ([www.insid.org.br](http://www.insid.org.br)). Vanessa é voluntária da organização IEEE Women in Engineering - IEEE WIE ([ieeewie.org](http://ieeewie.org)), que é uma das maiores organizações profissionais internacionais dedicadas a promover mulheres engenheiras e cientistas e inspirar meninas, em todo o mundo, a seguirem seus interesses acadêmicos em uma carreira em engenharia e ciência. Nesta organização, Vanessa já atuou em várias frentes: de 2018 e 2019, desempenhou a função de Liaison da Sociedade Técnica IEEE Systems, Man and Cybernetics (IEEE SMCS) para assuntos do IEEE WIE Committee e, nesta função, organizou dois eventos para promover as mulheres da IEEE SMCS - um em Myiazaki/Japão (2018) e um em Bari/Itália (2019). De 2018 e 2019, participou como membro do comitê internacional IEEE WIE, sendo a única representante do Brasil. Desde 2015, é tutora do ramo

estudantil do IEEE WIE UFCG, formado por alunos de graduação e pós-graduação da UFCG. Em 2021, foi eleita presidente do IEEE WIE Seção Nordeste Brasil e foi indicada para integrar o comitê executivo do IEEE R9, que é a representação do IEEE na América Latina e Caribe. Juntamente com os voluntários do IEEE WIE UFCG desenvolve, desde 2016, o projeto Engenheiras da Borborema em escolas públicas do Município de Campina Grande, Paraíba.

Este projeto tem o objetivo de promover os interesses das meninas pelas áreas de ciências exatas. Por conta deste projeto, o IEEE WIE UFCG já recebeu vários prêmios de reconhecimento, incluindo uma premiação mundial. Em 2019 e 2020, o projeto contou com o aporte financeiro do CNPq e, em 2016 e 2018, teve apoio do Fundo Social Elas. Vários estudos indicam que as mulheres nos campos da ciência, tecnologia, engenharia e matemática (STEM – Science, Technology, Engineering and Mathematics) publicam menos, recebem menos pela pesquisa e não progridem tanto quanto os homens em suas carreiras. Há muitos fatores possíveis que contribuem para a discrepância de mulheres e homens em empregos STEM, incluindo a falta de modelos femininos, estereótipos de gênero e flexibilidade menos favorável à família nos campos STEM (Fonte: Departamento de Comércio dos EUA). Conforme com o Instituto de Estatística da UNESCO (UIS), para reduzir verdadeiramente as disparidades entre os sexos, devemos ir além dos números difíceis e identificar os fatores qualitativos que impedem as mulheres de seguir carreiras STEM.

**E**m suas pesquisas, desenvolve a síntese e o processamento de materiais cerâmicos avançados tendo em vista sua aplicação na área de varistores, semicondutores, piezoelétricos, biocerâmicas e células a combustível óxido sólido (SOFC). Outras pesquisas envolvem a caracterização física, química e elétrica de resíduos da agroindústria, tratados termicamente, como a casca de arroz, visando a sua aplicação para obtenção de produtos cerâmicos.

*Vânia Caldas  
de Sousa*





Natural de Campina Grande-PB, filha de Jurandi Ferreira de Sousa, (empresário, [IS Modas], economista e advogado, e de Sebastiana Caldas de Sousa, (enfermeira), estudou na Escola Santa Bernadete e no colégio Imaculada Conceição (Damas) durante o Ensino Fundamental e Médio. Possui Graduação em Engenharia de Materiais pela Universidade Federal da Paraíba (1991), atual Universidade de Campina Grande (UFCG), Mestrado em Ciência e Engenharia dos Materiais pela Universidade Federal de São Carlos (1995) e Doutorado em Ciência e Engenharia dos Materiais pela Universidade Federal de São Carlos (2000). Parte do seu Doutorado foi desenvolvido na Universidade de Aveiro em Portugal. Entre 2000 e 2002, fez Pós-Doutorado no LIEC - CMDMC (Centro Multidisciplinar de Caracterização e Desenvolvimento de Materiais Cerâmicos) no Departamento de Química da UFSCar. No período de 2002 a 2006, foi professora com dedicação exclusiva na Universidade São Francisco - Itatiba-SP, onde fez parte do Programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu em Engenharia e Ciências dos Materiais e atuou no curso de Graduação de Engenharia Mecânica. Novo Pós-Doutorado foi realizado entre 2009 e 2010, no Instituto de Cerámica y Vidrio do Consejo Superior de Investigaciones Científicas, em Madrid. Durante novembro de 2019 a dezembro de 2020, realizou Pós-doutorado na University of California, Davis nos Estados Unidos no âmbito do PRINT - Programa Institucional de Internacionalização/CAPES. Desde 2006, é professora associada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) no Departamento de Materiais e docente do Programa de Pós-Graduação de Minas, Metalurgia e Materiais – PPGE3M. Coordenou o Curso de Engenharia de Materiais/UFRGS de 2014 a 2016. Coordena o LABCAV (Laboratório de Cerâmicas Avançadas) associado ao LABIOMAT.

Tem experiência na área de Engenharia de Materiais, com ênfase em Materiais Cerâmicos, atuando principalmente nos seguintes temas: Processamento cerâmico, Síntese de pós, varistores, cerâmica eletrônica e célula a combustível óxido sólido (SOFC). Publicou

mais de 62 artigos em periódicos internacionais, mais 90 trabalhos em anais de congressos nacionais e internacionais, publicou o livro: Varistores de ZnO obtidos por Reação de Combustão, Ed. Blucher, 2008, São Paulo e 6 capítulos de livros.

Engenheira Biomédica, com um olhar voltado para a saúde, com característica multidisciplinar que congrega saberes e conhecimentos das ciências exatas e biológicas, atuando na pesquisa e desenvolvimento de soluções tecnológicas destinadas à prevenção, promoção e recuperação da saúde.

*Vivian Cardoso de  
Morais Oliveira*





Natural de Campina Grande, nasceu em 26 de setembro de 1977, filha de Misael Elias de Moraes (professor) e de Neuza Cardoso de Moraes (cientista da computação), estudou no colégio das Damas toda escolaridade. Possui graduação em Engenharia Elétrica (2000) pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB (atual UFCG - Universidade Federal de Campina Grande), Mestrado em Engenharia Elétrica (2004) e Doutorado em Engenharia Elétrica (2018) pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, ambos com ênfase em Engenharia Biomédica. É servidora da Agência Nacional de Vigilância Sanitária - ANVISA, onde trabalha com regulação de mercado de dispositivos médicos, atuando em avaliação tecnológica para aprovação pré-mercado de produtos médicos e como inspetora de Boas Práticas de Fabricação - BPF (nacional e internacional) da Anvisa. Atualmente, atua na Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, realizando atividades de pesquisa e desenvolvimento no CertBio - Laboratório de Avaliação e Desenvolvimento de Biomateriais do Nordeste; e no Núcleo de Tecnologias Estratégicas da Saúde - NUTES da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, nas atividades de ensino e pesquisa; áreas de interesse: dispositivos médicos, engenharia biomédica, regulação, avaliação de tecnologia em saúde, boas práticas de fabricação, gerenciamento de riscos, usabilidade, projeto centrados em humanos, avaliação de conformidade e ciências cognitivas.

Este universo, denominado de dispositivos médicos, inclui desde equipamentos eletromédicos (ECG, Raios-X, Tomógrafos, Ventiladores Pulmonares, etc.), softwares de aplicação na saúde (SaMD – Software as a Medical Device), dispositivos implantáveis (marca-passos cardíacos, stents coronarianos, implantes ortopédicos, implantes de silicone, válvulas cardíacas, etc.), como também materiais médicos de um modo geral (cateter, instrumentais cirúrgicos, seringas, sensores, equipamentos). O conhecimento técnico científico, adquirido ao longo de sua formação profissional e acadêmica, possibilita o acesso da população brasileira a tecnologias médicas comprovadamente seguras e eficazes.



## SOBRE OS AUTORES



José Edmilson Rodrigues é natural de Campina Grande, nascido na Rua Olegário de Azevedo (Rua das Imbriras, São José e criado no Monte Santo). Poeta, ensaísta, advogado. Mestre em Literatura e Interculturalidade (2009) pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB Publica em uma coluna no site paraibaonline.com.br, colaborador em suplementos culturais. Autor de “A solidão dos olhos e as vertigens do tempo”. Poesia. Editora Mondrongo, 2018; A poética do Ridículo – Crônicas & Ensaios. Editora Mondrongo, 2019; Dueto de manhãs. Haikais. Editora Mondrongo, 2022. Membro da Academia de Letras de Campina Grande-PB (ALCG), membro da UBE – União Brasileira de Escritores, Paraíba.



Laryssa Almeida é natural de Campina Grande, nasceu na véspera de São Pedro, em 28 de junho de 1990, na maternidade Dr. Edgley, no bairro José Pinheiro. Passou a sua infância no bairro do Quarenta e a sua adolescência no Bairro Santa Cruz. Filha de Kátia Cristina de Almeida, professora do ensino fundamental, e de Luciano Alves de Almeida (in memoriam), comerciante. Dos pais herdou o gosto pelo estudo e a busca por voos altos. Advogada licenciada. Especialista em Ciências Criminais, Mestre em Direito Econômico pela UFPB e Doutoranda pela Universidade de Salamanca na Espanha.

Durante a graduação em Direito na UEPB dedicou-se a pesquisa e a extensão universitárias, chegando a ser co-fundadora da Revista Científica “A Barriguda”. Ingressou no movimento estudantil desde o início do curso, assumindo a presidência de forma interina do Centro Acadêmico Sobral Pinto, atuando a nível regional (Nordeste 2) com estudantes de cursos de Direito da Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte. Após formada, integrou os quadros de comissões e da Escola Superior da Advocacia (ESA) da OAB Seccional Paraíba. Em 2018, foi eleita Diretora-Tesoureira da entidade de classe, exercendo o cargo entre os anos de 2019 e 2020. Durante sua gestão, apresentou a propositura e liderou todo o processo para a OAB/PB se tornar signatária do Pacto Global da ONU, além disso, deu início ao processo de transformação digital da OAB/PB. Em 2021, assumiu a Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação (SECTI) de Campina Grande, com forte atuação em projetos para inclusão digital, popularização da ciência e estímulo ao empreendedorismo inovador. Também foi Secretária de Desenvolvimento Econômico (SEDE) entre o final de julho de 2022 até setembro de 2023,

quando passou a ser responsável pelos principais eventos da cidade, Campina Folia, Carnaval Tradição, Carnaval da Paz, a edição histórica de 40 anos do Maior São João do Mundo e o Natal Iluminado. Atualmente, é Vice-presidente do Comitê de Governança, Tecnologia e Inovação da Cidade, representante da SECTI no Comitê Gestor do Programa Sandbox, representante de Campina Grande no Fórum Inova Cidades pela Frente Nacional de Prefeitos, exercendo a Vice-presidência em Políticas Públicas de Inovação. É Coordenadora e organizadora de vários eventos jurídicos nacionais e internacionais, palestrante, autora de vários artigos



## REFERÊNCIAS

AMORIM, M. M. R. Disponível em: [http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?jsessionid=14A5752886FC9A2CD1F2DE-A29EA3C2DD.buscatextual\\_4](http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?jsessionid=14A5752886FC9A2CD1F2DE-A29EA3C2DD.buscatextual_4).

ARAÚJO, G. A. F. Disponível em: [http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?jsessionid=DDE438763B0034A1D8DC3953E-F2AC8A5.buscatextual\\_65](http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?jsessionid=DDE438763B0034A1D8DC3953E-F2AC8A5.buscatextual_65).

BEZERRA, K. C. T. Disponível em: [http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?jsessionid=01A62D7CA1239D7B4E-82A7401B360DCF.buscatextual\\_66](http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?jsessionid=01A62D7CA1239D7B4E-82A7401B360DCF.buscatextual_66).

CARTAXO, J. M. Disponível em: [http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?jsessionid=0008A16073341369BD155C6B-C91EAD47.buscatextual\\_4](http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?jsessionid=0008A16073341369BD155C6B-C91EAD47.buscatextual_4).

ELIETE, G. et al. **Imagens Multifacetadas da História de Campina Grande**. Prefeitura Municipal de Campina Grande, PB: Secretaria de Educação, A UNIÃO, 2000.

FONSECA, G. A. Disponível em: [http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?jsessionid=181223998A3A9A5BFBD172D-D46DC980.buscatextual\\_4](http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?jsessionid=181223998A3A9A5BFBD172D-D46DC980.buscatextual_4).

GARCIA, F. P. Disponível em: [http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?jsessionid=E8AC582795BB13EC37D2FED-84D3BE941.buscatextual\\_4](http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?jsessionid=E8AC582795BB13EC37D2FED-84D3BE941.buscatextual_4).

GALDINO, K. E. Disponível em: [http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?jsessionid=9884B68133969B1745610B8617AE387A.buscatextual\\_5](http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?jsessionid=9884B68133969B1745610B8617AE387A.buscatextual_5).

LOUREIRO, C. F. C. L. Disponível em: [http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do;jsessionid=6ED98C4E51DEC5E62A2A-C71708FE268C.buscatextual\\_65](http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do;jsessionid=6ED98C4E51DEC5E62A2A-C71708FE268C.buscatextual_65).

MARINHEIRO, L. P. F. Disponível em: [http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do;jsessionid=23AD28B0BFA79E-237B67A5582D643F03.buscatextual\\_5](http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do;jsessionid=23AD28B0BFA79E-237B67A5582D643F03.buscatextual_5).

MELO, A. O. Disponível em: [http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do;jsessionid=796A598338536CE819BDCBF05E6705CF.buscatextual\\_65](http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do;jsessionid=796A598338536CE819BDCBF05E6705CF.buscatextual_65).

MARINHEIRO, E. F. A. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/1222327/elizabeth-figueiredo-agra-marinheiro>.

MONTEIRO, L. F. Disponível em: [http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do;jsessionid=58EC1FBD8504E94B724F-18F7894E0EEE.buscatextual\\_4](http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do;jsessionid=58EC1FBD8504E94B724F-18F7894E0EEE.buscatextual_4).

MORAIS, V. Cardoso de.; MORAIS, Misael. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/3741221/vivian-cardoso-de-morais-oliveira>.

MARIA G. V. S. Cavalcanti. C. Cuidadores da memória (entrevista/2019) por José Edmilson Rodrigues.

NÓBREGA, S. D. Disponível em: [http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do;jsessionid=A11F2508E4496EF790E3D42CB-D4CFF8F.buscatextual\\_65](http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do;jsessionid=A11F2508E4496EF790E3D42CB-D4CFF8F.buscatextual_65).

OLIVEIRA, N. M. S. Disponível em: [http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do;jsessionid=470B9BBB28E5DE26FD-C511A23A54B166.buscatextual\\_65](http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do;jsessionid=470B9BBB28E5DE26FD-C511A23A54B166.buscatextual_65).

POOLE, J. B. N. P. Disponível em: [http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do;jsessionid=E9114A5D-C4748229E5D2C09343289320.buscatextual\\_66](http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do;jsessionid=E9114A5D-C4748229E5D2C09343289320.buscatextual_66).

SCHRAMM, V. B. Disponível em: [http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do;jsessionid=A38DBD5E853FC76D51D-133410FC06EFC.buscatextual\\_4](http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do;jsessionid=A38DBD5E853FC76D51D-133410FC06EFC.buscatextual_4).

SOUZA, V. C. Disponível em: [http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do;jsessionid=5AE47BF68870DE0C25397F-56C53224FD.buscatextual\\_66](http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do;jsessionid=5AE47BF68870DE0C25397F-56C53224FD.buscatextual_66).

SILVA, E. Q. G. Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do;jsessionid=52C4AD0D5A49AF83EB0B-1D09F08D2400.buscatextual>.

## **Sobre o livro**

<b>Projeto Gráfico, Editoração</b>	Leonardo Araújo
<b>Capa</b>	Danilo Guimarães
<b>Revisão Linguística e Normalização</b>	Elizete Amaral de Medeiros
<b>Formato</b>	15 x 21 cm
<b>Mancha Gráfica</b>	11 x 16,8 cm
<b>Tipologias utilizadas</b>	Roboto 10,5 pt



Mulheres nas Ciências, mulheres que inspiram e engrandecem o mundo e, em Campina Grande, merecem um projeto, talvez didático e cujo objetivo seja abordar em forma de verbetes a história de 34 mulheres que fizeram e fazem Campina ser Grande com suas descobertas que salvam vidas, transformam a sociedade, criam novos paradigmas de tratamentos médicos e conquistam títulos e que nem sempre têm trajetórias escritas nos livros e manuais históricos da cidade, nem mesmo do estado da Paraíba. Aliás, a mulher ainda é um tanto quanto invisibilizada no que se refere à construção da cidade, da história de Campina Grande, estando à margem desse processo historiográfico. Status Quo, que apesar de muitos avanços, nos últimos anos, não faz jus à realidade.